



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

DALLYANA JUSSARA DA SILVA

**CASOS DE INTERLÍNGUA NO USO DE CONECTIVOS NA
PRODUÇÃO TEXTUAL DE SURDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOÃO PESSOA

2020

DALLYANA JUSSARA DA SILVA

**CASOS DE INTERLÍNGUA NO USO DE CONECTIVOS NA PRODUÇÃO
TEXTUAL DE SURDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção de grau de Licenciada
em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edneia de Oliveira
Alves

JOÃO PESSOA

2020

S586c SILVA, Dallyana Jussara da.

Casos de interlíngua no uso de conectivos na produção textual de surdos em Língua Portuguesa / Dallyana Jussara da Silva. - João Pessoa, 2020.
80 f.

Orientação: Edneia de Oliveira ALVES.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Interlíngua. L2. Português. Surdos. Libras. I.
ALVES, Edneia de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCHLA

DALLYANA JUSSARA DA SILVA

**CASOS DE INTERLÍNGUA NO USO DE CONECTIVOS NA PRODUÇÃO
TEXTUAL DE SURDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Edneia de Oliveira Alves
(Orientadora)

Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva
(Examinador)

Prof. Me. João Paulo Vitório Miranda
(Examinador)

À memória de Brown Júnior (meu filho de quatro patas) e do meu querido e inesquecível amigo, Jhanderson Barbosa. Para sempre em meu coração. Saudades eternas!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por permitir viver o sonho do meu curso superior numa instituição federal e concluí-lo. Tentei por muitas vezes sem êxito, mas, no momento certo, Ele proporcionou a concretização desse sonho. À mãe zelosa e cuidadosa, minha Nossa Senhora de Fátima, minha mãe do céu, por toda intercessão, amor e cuidado.

Agradeço imensamente aos meus pais, Ginalda e Daniel, por todo empenho e apoio ao longo desses anos que saí de casa, no interior de Pernambuco, para viver meu sonho na Paraíba. Embora sendo estados vizinhos, fui a única filha que ousou alçar voo longe deles. São sete anos fora de casa. Agradeço por eles acreditarem em mim e hoje posso orgulhá-los com essa conquista do meu curso superior. Lembro do dia que saí de casa (13/08/2013) para cursar História também na UFPB, porém depois resolvi voltar para meu primeiro sonho, que era cursar Letras, mãe chorou muito porque sua filha foi “embora”, mas logo depois ela entendeu que saí em busca de um sonho.

Agradeço muito à minha irmã, Giliane Kely, por sempre acreditar e apoiar meu sonho me incentivando. Foi ela também que veio comigo resolver a matrícula e tudo mais. Agradeço aos meus pais por terem cuidado com todo amor e zelo do meu cachorro Brown Júnior, falecido em março deste ano, no início da pandemia. Quão difícil foi esse momento para mim... Quão difícil continua sendo. Aos meus irmãos Danielle, Erika e Elton. Agradeço sempre pela torcida na vida fora de casa.

Agradeço aos meus familiares, em especial ao meu primão Elian, que é meu filho do coração. Às minhas tias, primas, primos, tios, sobrinhos, por torcerem e acreditarem em mim. Por toda palavra de incentivo e carinho. Aos meus queridos amigos dos tempos da escola pela torcida, muito obrigada!

Meus amigos, o que seria de mim sem vocês?

São muitos amigos verdadeiros que encontrei ao longo dessa caminhada. Não tenho familiares em João Pessoa, mas eles acabaram se tornando a minha família. E que família linda que eu ganhei, verdadeiros presentes de Deus em minha vida.

Agradeço demais à minha amiga Ana Flávia por me acolher em sua casa, por ter me dado a mão quando saí para estudar na UFPB em 2013. Serei eternamente grata por tudo e peço que Deus pague como você merece, só Ele pode pagar no valor certo. À Josimere e a Diego pela acolhida. Foi muito bom morar com vocês. Grata pela amizade e carinho. Agradeço à Renata, pois foi ela que me ajudou no primeiro dia de aula quando eu ainda fazia

História, foi ela que me mostrou a sala... Amigos de Conde, meu primeiro lar na Paraíba, muito obrigada!

Em 2015, comecei a cursar Letras e daí recebi mais presentes em forma de amigos valiosos. Andreina, Joyce, Beth, Yasmin, Thaynná, Aeberton... Os amigos que cruzaram os muros da Universidade e somam em minha vida. Agradeço demais a torcida de vocês!!!

Em especial agradeço à essa super amiga que Deus me deu, pois sabia que eu ia precisar desse apoio e incentivo. Andreina, você é um ser de luz em minha vida, uma amiga muito, muito querida. À Joyce, agradeço toda parceria e amizade, mesmo longe estamos perto uma da outra. Uma pessoa muito especial. Minhas queridas amigas!!!

Aos meus queridos amigos: Adalberto, Thaís, Alberto, Douglas, Isa, André, Alessandro, Vagney, Mucane, Jaime, Amanda, Wiliane, Ellen, Guilherme, Thales, Isaías, Edmilson, Lucas Francelino, Filipe, Ezequiel, Jordan, Yuri, Lucas e todos os tantos queridos amigos que fiz no RU...

Aos alunos surdos do curso do qual resultou minha pesquisa. Obrigada pela amizade de cada um de vocês. Agradeço a cada um que forneceu material para minha análise. Vocês são peças fundamentais deste trabalho. Vocês são especiais! À Anabelle, parceira do projeto e amiga, grata por seu carinho, apoio e força. És especial em minha vida!!!

À minha família em João Pessoa: Cláudia, Isaque, Saulo, Mailton, Suênia... Amigos acima de tudo. Vocês são muito especiais na minha vida.

De forma muito, muito especial agradeço ao meu querido amigo Cleiton Willian, agradeço tanto por tê-lo em minha vida, por termos nos aproximado quando cursamos Didática... de lá pra cá não nos soltamos mais. Palavras não são suficientes para descrever e agradecer todo apoio que você me deu ao longo dessa caminhada e dessa pesquisa. Obrigada por tudo!!! Obrigada por sua amizade!!!

Ao meu querido amigo Renan, obrigada por toda palavra de incentivo e força, és uma pessoa muito, muito querida em minha vida. Você é muito especial pra mim. Obrigada por tudo!!! Obrigada por sua amizade!!!

Aos meus parceiros de apartamento: Pedro (versão 1), Lucas e Guilherme. Agradeço ao ambiente de paz que vivemos. Agradeço todo cuidado e preocupação ao longo desses dias trabalhando arduamente nesta pesquisa. Eu pedia a Deus um lar de paz e harmonia e Ele me proporcionou esse lugar. Agradeço por formamos um lar e pelos amigos que ganhei. Beatriz e Bianca, vocês são muito queridas. Agradeço muito toda torcida e apoio.

Agradeço de forma muito especial à minha professora, orientadora e amiga, Edneia Alves. Palavras não dão conta do imenso prazer em trabalhar desde 2016 em seus projetos, por toda essa linda caminhada ao longo desses anos, pela nossa parceria, por sermos sócias. Uma das minhas inspirações como professora, sempre muito dedicada, que acredita sempre no potencial do aluno. Esse TCC é fruto do meu trabalho desde 2016 com você e me orgulho demais disso. Anos de muito aprendizado e crescimento pessoal e acadêmico.

Agradeço por acreditar em mim, por toda orientação, todos os trabalhos feitos juntas, pelas conversas enriquecedoras... Passamos de professora e aluna e viramos amigas. Grata a Deus por isso!!! Grata a Deus por nossa amizade!!! Muito obrigada por tudo, tudo!!!

Aos professores do curso de Letras-Português da UFPB, em especial à Regina Baracuh, uma de minhas inspirações como professora. Uma pessoa muito especial e amiga. Admiro demais!!!

Aos professores da minha banca, Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva e ao Prof. Me. João Paulo Vitória Miranda, muito honrada pela leitura e contribuições a serem postas para melhorar ainda mais a minha pesquisa.

Aos amigos intérpretes: Cleiton Willian, Edneia Alves e Hosana Gouveia que se disponibilizaram a fazer toda a interpretação do meu trabalho promovendo a acessibilidade para os surdos, minha gratidão!!! Muito honrada por aceitarem participar desse momento, vocês são peças fundamentais para que ele aconteça.

À Universidade Federal da Paraíba, tenho muito orgulho de ter feito meu curso superior nesta instituição que tão bem me acolheu. Aos colegas da turma de Letras, obrigada pelos momentos de aprendizados durante todo o curso. Aos amigos que fiz no curso de História...obrigada!

Agradeço de forma não menos importante a mim pelo empenho, dedicação ao curso e aos projetos que fiz e faço parte durante esses anos. Sempre desenvolvo meus trabalhos com seriedade e competência. Aprendi muito nesses anos todos, pessoalmente e academicamente. Eu tenho sonhos e quero alcançá-los. Subi um degrau na academia, faltam mais dois, Mestrado e Doutorado, eles acontecerão no tempo que Deus permitir.

A todos, meu mais sincero

MUITÍSSIMO OBRIGADA!!!

*“Para realizar grandes conquistas, devemos
não apenas agir, mas também sonhar; não
apenas planejar, mas também acreditar.”*
Anatole France

Resumo

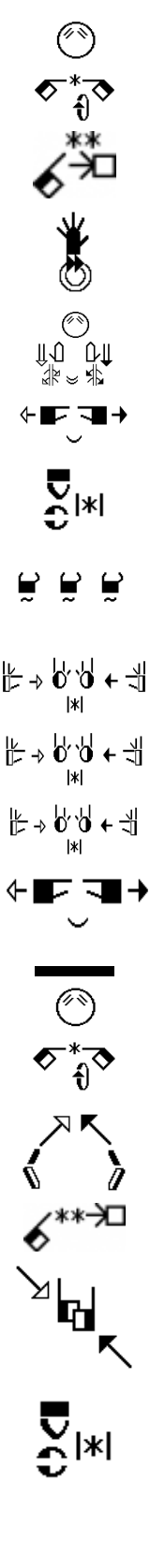
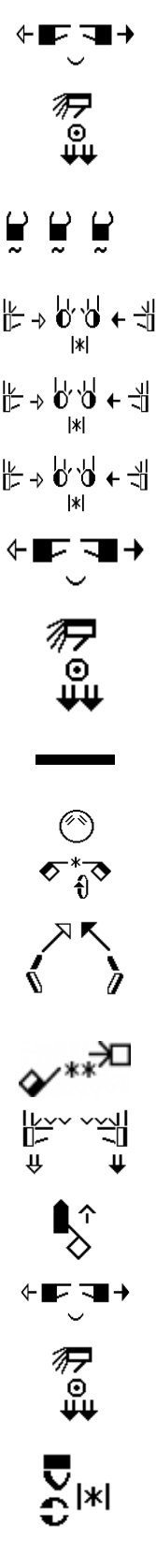
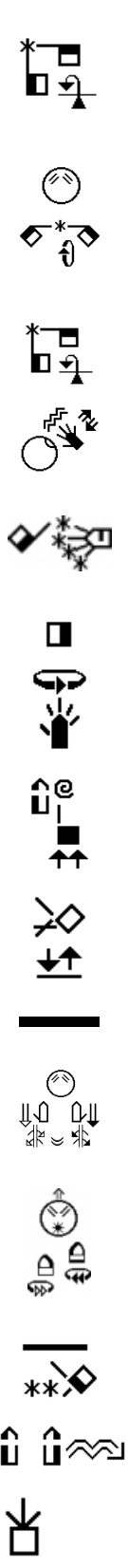
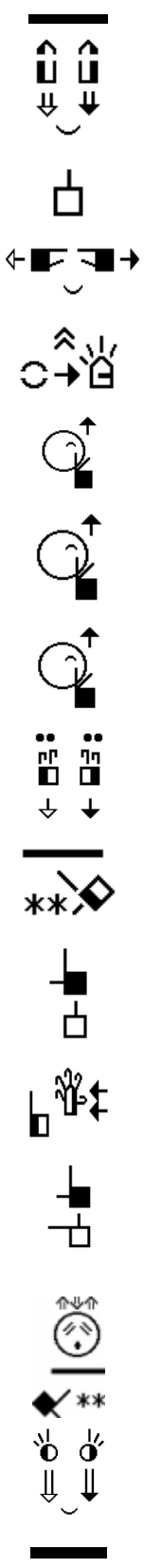
Este trabalho visa abordar o processo de interlíngua partindo de ocorrências na produção escrita do surdo no gênero redação do Enem. A importância dessa pesquisa revela a necessidade de apresentar de que forma a interlíngua está presente na escrita dos surdos enquanto sujeitos bilíngues tendo a Libras como língua natural e o português na modalidade escrita como segunda língua. Dessa forma, os objetivos deste trabalho foram analisar o uso de conectivos na produção textual de surdos em língua portuguesa, bem como identificar as ocorrências sintáticas dos conectivos e descrever as construções de interlíngua no uso de conectivos no texto escrito. A metodologia desse trabalho se deu de forma documental através da coleta dos textos escritos, desenvolvida por meio de tais documentos, contextualização, objetivos e teorias, a fim de subsidiar o desenvolvimento dessa pesquisa. A análise dos dados se deu em três etapas, sendo elas: levantamento das ocorrências dos desvios das normas sintáticas, enumeração das ocorrências em cada redação e análise da semelhança dos desvios em português com as normas da Libras. Por fim, os resultados mostraram a interlíngua como um processo linguístico na produção escrita do surdo.

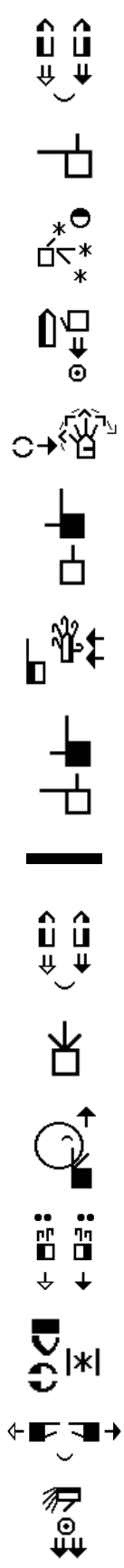
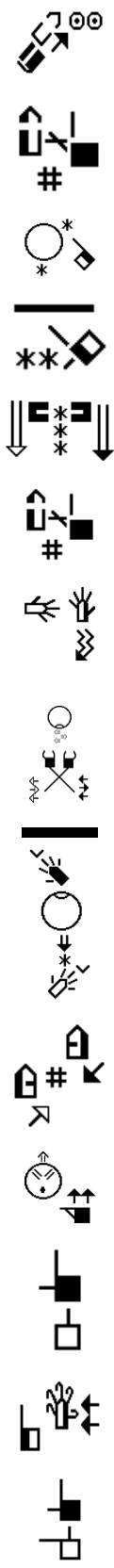
Palavras-chave: Interlíngua. L2. Português. Surdos. Libras.

Abstract:

This paper centers on interlanguage as a process based on occurrences in the writing of deaf individuals within the *ENEM* essay genre. The importance of this research reveals the necessity of presenting the way interlanguage is present in the writing of the deaf as they are bilingual in both Libras, as their natural language, and Portuguese in its written form as their second language. The objectives of this work were to analyze the use of connectives in the textual production of deaf people in written Portuguese, as well as to identify the syntactic occurrences of these connectives, and to describe interlanguage structures considering the use of connectives in the written text. The methodology of this work was documented through a collection of written texts, derived from such documents, contextualization, objectives, as well as theories, in order to support the development of this research. The analysis of the data took place in three stages: survey of the occurrences of deviations from the syntactic norms, enumeration of the occurrences in each essay, and the analysis of the similarity of these deviations in Portuguese with the Libras syntactic norms. Finally, the results presented interlanguage as a linguistic process in the writing of the Deaf.

Keywords: Interlanguage. L2. Portuguese. Deaf people. Libras.





LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

LS – Língua de Sinais

LAL- Língua-alvo

Libras - Língua Brasileira de Sinais

LE - Língua Estrangeira

SN- Sintagma nominal

PB- Português Brasileiro

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SW – *SignWriting*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1 O Português na modalidade escrita para surdos e o bilinguismo	19
2.2 O sujeito surdo: cultura e identidade	23
2.3 Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa	27
3 A INTERLÍNGUA EM USOS DE CONECTIVOS	33
4 OBJETIVOS	41
4.1 Objetivo Geral	41
4.2 Objetivos específicos	41
5 METODOLOGIA.....	41
5.1 Corpus da pesquisa	42
5.2 Procedimentos: o caminho percorrido para a realização da pesquisa	42
5.3 Procedimentos da coleta de documentos	43
5.4 Análise dos Dados	43
6 CASOS DE INTERLÍNGUA NA PRODUÇÃO ESCRITA DO SURDO EM LÍNGUA PORTUGUESA	45
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	58
ANEXOS	63
ANEXO 01.....	64
ANEXO 02.....	65
ANEXO 03.....	66
ANEXO 04.....	67
ANEXO 05.....	68
ANEXO 06.....	69
ANEXO 07.....	70
ANEXO 08.....	71
ANEXO 09.....	72
ANEXO 10.....	73
ANEXO 11.....	74
ANEXO 12.....	75

ANEXO 13.....	76
ANEXO 14.....	77
ANEXO 15.....	78
ANEXO 16.....	79
ANEXO 17.....	80

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco principal analisar casos de interlíngua na produção escrita de textos por alunos surdos usuários de Libras na comunicação e do português na modalidade escrita. Este trabalho, visa apresentar de que forma a interlíngua está presente na escrita dos surdos enquanto sujeitos bilíngues tendo a Libras como língua natural. Sendo assim, nos baseamos nos conceitos abordados na teoria sobre o bilinguismo, sujeito surdo com sua própria identidade e cultura, Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.

Por conseguinte, traremos casos de interlíngua como suporte para todas as discussões aqui levantadas, sendo eles a base de todas as ideias expostas. Analisaremos como se deu a interlíngua e em que níveis ela se faz presente nos textos dos alunos surdos, isso porque muitos elementos condicionam a aprendizagem desses sujeitos nas escolas, principalmente, quando não os tratam como bilíngues. Não foram encontrados casos em todos os textos, pois depende muito do nível de compreensão da língua-alvo de cada um deles.

A importância dessa pesquisa para a comunidade surda condiz com a necessidade de pensar num ensino de L2 tendo a Libras como apoio. Além disso, busca-se apontar metodologias do ensino de Português para esse público. A interlíngua se faz presente na escrita do aprendiz de forma inerente, pois no processo de uma língua à outra muitos elementos fazem parte da compreensão para fala ou escrita.

Pensar no ensino de uma segunda língua é pensar que esse processo pode ocorrer de diferentes formas e estágios a depender do aprendiz. Como Quadros (2006) explica, no caso dos surdos os estágios da interlíngua apresentam características de um sistema linguístico com regras próprias e vai em direção à segunda língua.

O surdo, enquanto sujeito bilíngue deve ter uma forma de aprendizagem que atenda às suas especificidades, visando um ensino pautado na valorização do seu aspecto visual aguçado, pois como diz Lebedeff (2010), a Libras é visuogestual, logo esse aspecto é um ponto importante para o ensino-aprendizagem desses sujeitos.

Diante disso, o surdo como usuário da língua portuguesa como sua L2, na sua escrita, apresenta elementos da L1 à medida que o mesmo possa conhecer mais a língua-alvo, como apresentar estágios em relação à sua escrita nesta língua.

A relevância desta pesquisa implica na necessidade de poder apontar a interlíngua como um processo linguístico aproximado da língua-alvo para o surdo que, muitas vezes, não é compreendido, pois sua escrita apresenta elementos mesclados entre uma língua e outra. O

olhar para o texto do surdo compreendido pelo seu processo inerente na aprendizagem de uma L2 se dará de forma diferente, pois será percebido ali que a interlíngua é cabível em aprendizes de uma segunda língua.

Para isto, apresentaremos a metodologia utilizada para a obtenção da interlíngua, a saber, a forma como o *corpus* foi constituído e como se deu o levantamento e a análise das ocorrências, de maneira que pudéssemos argumentar sobre a interlíngua com base nas Língua Brasileira de Sinais e na Língua Portuguesa.

Para a academia, este trabalho busca apontar elementos característicos dos surdos, da mesma forma que lança um olhar mais pautado na interlíngua, a fim de entender como o processo acontece e também de que forma influi na escrita dos alunos. Assim, poder colaborar com novos estudos na área e com o sistema educacional que carece de conhecimento científico para apoiar trabalhos pedagógicos que contribuam para entender as particularidades da escrita desses sujeitos.

Para minha formação acadêmica e para todos os trabalhos realizados na área da surdez ao longo do curso, esse trabalho é de suma importância, pois ele apresenta não só a experiência com alunos surdos, mas também contribui para o entendimento e argumentação de como todo esse processo acontece na escrita da L2 do surdo.

Esta pesquisa é composta pelas seções que envolvem o Português na modalidade escrita e o bilinguismo, onde pontuamos como deve ser o aprendizado da L2 por alunos surdos, com base nos documentos oficiais do país. Em seguida, discutimos sobre o sujeito surdo com base em suas características próprias, pensando em alguns dos artefatos culturais que os mesmos apresentam, tanto em relação à língua quanto à forma da aprendizagem através da visualidade.

Abordamos ainda para a discussão, a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, apontamos os elementos estruturais de ambas as línguas, uma vez que se trata de um trabalho de interlíngua compreendido pelas duas.

Para tanto, explicamos a teoria sobre interlíngua, base desta pesquisa, salientando como ocorre em processos de aquisição de uma segunda língua, além de suas nuances pertinentes. Sendo assim, também pontuamos sobre a interlíngua na escrita dos surdos com base em estudos que elencam estágios que a escrita destes podem apresentar.

Por conseguinte, apontamos os objetivos desta pesquisa, bem como a metodologia utilizada, explicamos como se deu o estudo com base no *corpus* coletado e também todo o processo de análise. Nas discussões, apresentamos alguns casos de ocorrência de interlíngua

em relação ao uso de conectivos embasadas pelas teorias apresentadas neste trabalho, além de demonstrar como a escrita se apresenta em estágios de apropriação de uma L2, concluindo assim o trabalho e almejando futuras pesquisas neste vasto campo de estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Partindo da Libras como sua L1, para o Português como sua L2 na modalidade escrita faz-se necessário pontuar sobre os desvios que ocorrem dentro dos casos de interlíngua, uma vez que os surdos são sujeitos bilíngues.

Neste capítulo, abordaremos a Língua Portuguesa na modalidade escrita como L2 para os surdos, o bilinguismo, o sujeito surdo com suas características e particularidades em relação à cultura e identidade, a estruturação da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa como línguas no processo de interlíngua aqui posto.

2.1 O Português na modalidade escrita para surdos e o bilinguismo

O Decreto 5.626/2005 garante ao aluno surdo o ensino bilíngue, no qual a língua portuguesa deve ser ensinada como segunda língua (L2) nas escolas, uma vez que a Libras é sua primeira língua (L1), e respeita seus aspectos culturais de uma língua visual e sinalizada. Ainda assim, de acordo com a Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002), a Libras não substitui o Português no que diz respeito à modalidade escrita que o aluno vai adquirir ao longo do seu percurso escolar.

Silva explica ainda que

pensar em processos inclusivos do surdo, exige pensar em duas línguas, pois a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), é um meio de comunicação e expressão enquanto língua do aluno surdo, devendo ser respeitada e através dela promovido o acesso a uma segunda língua: a língua portuguesa (língua oficial do Brasil). Este contexto, que exige a utilização de duas línguas na sua complexidade e totalidade é denominado de bilinguismo (2018, n.p).

Nessa oferta do ensino bilíngue, garantindo “às crianças surdas o direito de seu pleno desenvolvimento de linguagem (em Libras) pode-se pensar, então, no ensino-aprendizagem da língua portuguesa em sua modalidade escrita” (LODI, 2011, p. 89).

Silva (2019) pontua que o bilinguismo se difere dos outros paradigmas de educação de surdos devido ao seu reconhecimento da LS (Língua de Sinais) como o meio mais adequado para a comunicação das pessoas surdas.

Bernardino e Santos explicam que

além da necessidade de uma língua que sirva de base para a aprendizagem de uma segunda língua, diversos estudos já apontaram que, no caso dos surdos, o português deve ser ensinado como uma segunda língua, ou seja, são necessárias estratégias de ensino de segunda língua, além da utilização de metodologias e materiais didáticos que levem em consideração a singularidade linguística do aluno surdo (2018, p. 107).

Dessa forma, o aluno surdo deve aprender o Português na modalidade escrita desde a educação infantil tal como previsto no Decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, art. 14, parágrafo 1º, inciso II, bem como o ensino de Libras. É de suma importância que o aluno seja exposto às duas línguas desde a infância, pois o mesmo precisará da Libras para a sua comunicação e do português para a escrita.

Seguindo essa ideia, “no caso das crianças surdas cuja aprendizagem pressupõe aprender outra língua, deve lhes ser propiciado o estabelecimento de um diálogo com a sua primeira” (LODI, 2011, p.90).

O diálogo apontado pela autora se dá em como esse ensino pode ser feito nas escolas, da mesma forma que atende ao direito do surdo à sua língua sinalizada e atende à maneira que o mesmo é cobrado no processo de ensino-aprendizagem do Português. O aluno surdo também precisa escrever bem em Português, assim como os ouvintes.

A Língua Portuguesa, por sua vez, de acordo com os PCN's (BRASIL, p. 10, 2002), “nas escolas regulares e com as práticas pedagógicas concernentes ao ensino desta, se baseiam na perspectiva do aprendizado como língua materna.” O que dá a entender que a base deste ensino é oralista, auditiva, o que vai de encontro à forma de aprendizagem do sujeito surdo.

Lebedeff (2010) pontua que esse objetivo pedagógico não atende a todos os sujeitos presentes na sala de aula, em especial, aqui, ao aluno surdo, que aprende com base na percepção viso-gestual da língua por ele utilizada. Isso é observado em muitos estudos que apontam a dificuldade dos surdos ao longo do seu processo na escola regular.

De fato, há muitas lacunas a serem preenchidas neste processo, a começar pela forma como a língua na modalidade escrita veio sendo ensinada durante todos esses anos, o que

resultou em muitas problemáticas e baixos índices de desenvolvimento na língua escrita por parte do surdo.

Nesse sentido, Pereira explica que

é necessário que se mude a concepção de escrita que ainda predomina na maior parte das instituições que atendem surdos no Brasil. Continua a prevalecer uma preocupação com a alfabetização, ou seja, com o ensino das letras, sua combinação em vocábulos, codificação e decodificação dos mesmos, sendo atribuída pouca ou nenhuma importância aos usos da escrita enquanto práticas sociais mais amplas (letramento). Como resultado disso, muitos alunos surdos, embora identifiquem significados isolados de palavras, e sejam capazes de usar as estruturas frasais trabalhadas, não conseguem fazer uso efetivo da língua, não se constituindo como sujeitos de linguagem (2017, p. 47).

A língua, vista desta forma, não atende nem os meios pelos quais o surdo pode aprender e entender, nem é favorável ao ensino por tratar apenas como mero código, sem pensar nos tantos contextos, em que ela pode mudar de sentido, dentre outros fatores que a rodeiam.

Pereira (2017) explica essa ideia subjacente no ensino de língua para os surdos ter sido sustentada sobre o conhecimento do código linguístico e que, nesse sentido, o aluno poderia compreender e usar corretamente a língua, porém essa ideia não corresponde ao real modo de ensino de uma língua ainda que seja na modalidade escrita, aqui discutida. O código da língua portuguesa não dá conta da língua em si, nenhum código, pois língua é algo em funcionamento, precisa de um contexto para ser posto e entendido.

Sobre o uso da língua de sinais para o ensino nas escolas, Pereira (2014) explica a importância do aluno dominar sua L1, pois não há um ensino de L2 eficaz quando a primeira língua do aluno, no caso a Libras, não está consolidada.

O uso da língua de sinais contribuiu em muito para a aprendizagem dos alunos surdos, já que, por ser visual-espacial, não oferece dificuldade para ser adquirida. Por meio dela, observou-se a ampliação do conhecimento de mundo e do conteúdo escolar e, para os surdos, filhos de pais ouvintes, abriu-se a possibilidade de aquisição de uma primeira língua (PEREIRA, 2014, p. 146).

Para tanto, entende-se, que o Português, como sendo a L2 do surdo, deve ser ensinado nas escolas com apoio da sua L1, pois garante o atendimento à especificidade enquanto sujeitos visuais, como defende a autora.

É importante colocar que o ensino de Português como L2 requer outros mecanismos para uma real aprendizagem por parte deles, pois sabemos que os mesmos são cobrados nas escolas, uma vez que a Libras não substitui o ensino na modalidade escrita.

Para tanto, Lima diz que

o sucesso escolar depende, em grande parte, do domínio da língua de escolarização como também nas suas práticas pedagógicas. Além disso, a aquisição dos conhecimentos em língua de sinais é uma das formas de garantir a aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa pela criança surda no processo educativo (2014, n.p).

Os surdos, por serem sujeitos visuais e bilíngues, precisam que, na sala de aula, seja ofertado o conhecimento primeiramente em sua primeira língua, como defende a autora. Como forma de garantir o acesso ao ensino da L2, sendo aqui posta na modalidade escrita da língua, pois é por meio dela que o surdo também é avaliado na escola, o que muda é a forma de ensino-aprendizagem da mesma.

Por esses motivos, Lima explica que:

a língua portuguesa também deve ser ensinada aos surdos com metodologia própria de segunda língua, tendo em vista ainda a diferença de modalidades entre o português e a língua de sinais, já que aquela é de modalidade oral auditiva enquanto este é de modalidade espaço-visual (2014, n.p).

A autora explica que acaba sendo raro um sujeito que ingressa na escola tendo a Libras como língua materna, visto que, em sua maioria, o surdo não a tem nem como sua língua natural, o que prejudica a escolarização desses sujeitos, pois há essa lacuna ainda muito forte e marcada para este público quanto ao ensino de língua.

O surdo que tem acesso à sua L1 nas séries iniciais ou mesmo nos contatos diários tem maiores chances no desenvolvimento da L2 pensando no aprendizado sistemático da língua, como explica Quadros (2006). Existe todo um mecanismo próprio para o ensino de uma L2, bem como uma problemática imposta e acarretada pela ausência de uma língua materna para os surdos.

O princípio a se pensar nessas questões é quanto a falta de acessibilidade às duas línguas implica fortemente na não aprendizagem eficaz nas escolas, problemática essa que continua sendo vista quando se pensa no ensino de língua para surdos, tendo em vista serem pertencentes de um grupo minoritário.

Cavalcanti (1999) pontua que, em meio às outras realidades minoritárias, os surdos vêm ao longo do tempo do processo de escolarização à margem do ensino bilíngue do país, uma vez que o ensino é sempre pautado pela maioria das pessoas ouvintes na nossa sociedade.

Ainda segundo Cavalcanti (1999, p. 392), em outros contextos também há “um apagamento, uma minimização de sua importância, que promove sua invisibilidade.” O que acarreta justamente no processo educacional do ensino de língua, no caso do Português, como L2.

Silva (2018) explica que nas escolas, mesmo com as leis que asseguram a educação bilíngue, existe a problemática quanto a disposição ou não de profissionais especializados caso venha a ter alunos surdos em suas salas de aula.

Além disso, o ensino de português para este público em específico se baseia em outros meios, os quais abrangem e visam atender suas especificidades como um grupo de cultura e identidade própria. A escrita do surdo apresenta, portanto, traços da sua L1. Ao transferir a ideia construída na sua L1, o mesmo se utiliza de elementos característicos para sua escrita na L2.

2.2 O sujeito surdo: cultura e identidade

Falar de surdo é falar sobre as particularidades em relação à sua forma de comunicação e expressão, é pensar num sujeito usuário de uma língua sinalizada, diferentemente da língua da maior parte da população brasileira que é oral. Dessa forma, faz-se necessário entender que suas especificidades e modo de perceber e de se perceber no mundo o condiciona como sujeito usuário de outra língua para comunicação.

Numa perspectiva social e linguística, entender o surdo como um sujeito visual de cultura e identidade próprias é de suma importância, uma vez que estamos tratando de língua e aqui nos propomos a discutir como se dá a interlíngua na sua produção escrita em outra. Para tanto, como bem pontua Strobel (2018) sobre a cultura surda

é o jeito de entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-se com as suas percepções visuais, que contribuem para

a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (2018, p. 29).

Nessa perspectiva, apontamos aqui a importância de apresentar o surdo como sujeito que tem uma diferença na perspectiva cultural, particularidades, como diz Silva (2018), pontuando que a surdez foi durante muitos séculos considerada uma deficiência e não uma diferença. A autora afirma que, por muitos anos, ser surdo era sinônimo de não ter pensamento e capacidade de intelecto, ser privado de seus direitos à cidadania e até mesmo da vida.

Strobel (2018, p. 30) afirma que é “essencial que entendamos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seus conjuntos de normas, valores e comportamentos.”

Faz-se necessário explicar sobre o que chamamos de identidade surda, o que é definido por Perlin e Strobel (2006, p. 39) como sendo “uma construção, um efeito, um processo e é crucial a adoção de uma teoria pedagógica que descreva e explique o processo de construção de identidade e diferença dos surdos”.

Dessa forma, Bigogno:

sob esta perspectiva, os movimentos de surdos, inclusive os estudos surdos e as ideias de identidade, comunidade e cultura surdas poderiam ser compreendidas como uma forma de empreendimento moral que reivindica o reconhecimento da diferença, que vai além do paradigma da deficiência (2017, p. 11).

A autora explica que o surdo, por sua vez, traz dentro de sua historicidade a luta pelo direito ao acesso de tudo a sua volta com base na sua língua natural, a Libras. É por meio dela que estes sujeitos se apresentam como pessoas que possuem um meio diferente de se comunicar.

Kronbauer (2018, p.14) sobre o oralismo, tal “prática visava “tornar os surdos ‘seres normais’, visto que os professores, pesquisadores e estudiosos defensores adeptos ao método oralista os viam como pessoas deficientes e que poderiam ser reabilitadas.” Kronbauer (2018) explica que a concepção do surdo vista através do oralismo exigia dele que aprendesse a falar, que se tornasse um ser normal seguindo o modelo dos demais, os ouvintes.

Ainda segundo a autora,

a partir do Congresso de Milão, foi defendida a ideia de que a educação oralista era superior à educação gestual, a qual os surdos recebiam, e cujo objetivo era inseri-los na sociedade. A imposição desta prática pode ser considerada um período obscuro na história dos surdos, pois a comunicação que já havia entre eles (uso de sinais) foi negada e desvalorizada pelas pessoas ouvintes. Alegava-se que o uso de gestos remetia aos povos primitivos e, assim, esta comunicação passava a ser vista com maus olhos e desprezo (KRONBAUER, 2018, p. 16).

A história dos surdos é marcada por esse fato lamentável de privação do uso de sua língua natural, assunto esse discutido por ouvintes que usaram de ideias oralistas para, mais uma vez, suprimir de forma grosseira a comunicação dos surdos. Os surdos são sujeitos de traços e características próprias, assim como explica Strobél ao definir o povo surdo como:

mesmo os sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independentemente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. Se uma língua transborda de uma cultura, é modo de organizar uma realidade de um grupo que discursa a mesma língua como elemento comum, concluimos que a cultura surda e a língua de sinais seriam referências do povo surdo (2018, p. 38).

Uma característica marcante que implica o ser surdo e sua cultura própria é o caráter linguístico, isso explica que a língua de sinais usada por esse povo define não só o ser surdo, mas também a forma de percepção visual.

O surdo, usuário dessa língua sinalizada, posta aqui como sua língua natural, funciona para comunicação dentro de variados contextos. Como toda língua, apresenta meios para sua efetivação, a exemplo, os parâmetros da Libras.

Avelar e Freitas (2016) explicam que as Línguas de Sinais (LS) são utilizadas pela maioria das pessoas Surdas no mundo e são naturais dos Surdos, que usam a LS como comunicação. No Brasil, a Libras é um dos meios da interação social, cultural e científica da comunidade Surda brasileira, pois bem sabemos que muitos surdos ainda não tem acesso à ela.

A língua de sinais, por se tratar de uma língua (STROBEL, 2018, p. 55) expressada através da modalidade espaço-visual, condiciona o ser surdo à maneira como ela é posta, sendo sinalizada e não oral. O canal de leitura da língua de sinais se dá através do visual, sendo este o meio de comunicação desse povo.

Ainda de acordo com essa autora, os surdos percebem o mundo através de seus olhos e de tudo o que ocorre ao redor deles (STROBEL, 2018) sendo a experiência visual característica desse sujeito na forma de entender o mundo que o cerca, dado pelo primeiro artefato cultural, peculiaridade da cultura surda.

Tal peculiaridade dos surdos resulta na língua por eles usada. No Brasil temos a Libras, Língua Brasileira de Sinais, língua natural, usada como meio de comunicação, “pelo modo diferente de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico” segundo Perlin e Miranda (2003, p. 218, apud STROBEL, 2018, p. 45).

Strobel (2018) aponta ainda para o artefato linguístico, o que caracteriza esses sujeitos na vida cotidianamente, este, por sua vez, é fundamental para identificação do povo surdo, bem como a autora explica:

ter acesso às informações e conhecimentos, e para construir sua identidade, é fundamental criar uma ligação com o povo surdo criar uma ligação com o povo que se usa a língua em comum: a língua de sinais. A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2018, p. 52-53).

A língua é um fator primordial não só na identificação, como na comunicação, é o canal por onde perpassa as construções e vivências do surdo dentro de variados contextos, uma marca deste povo para expressar emoções, conceitos, especificidades por sua língua sinalizada.

É através da língua, condicionada pelo artefato linguístico, que o surdo se enxerga diferente, com cultura diferente e não mais como um ser limitado por não possuir, por assim dizer, uma língua oralizada. É claro que alguns surdos são oralizados, pensando principalmente pelo não acesso à sua língua ao longo de sua formação como pessoa social, e que tal condição ocorre em muitos casos de surdos sem conhecimento e contato com sua língua natural e por esse fator desenvolvem outras formas de comunicação.

Para tanto, Silva e Silva (2016, p.34), explicam que “as características dessa língua, especialmente no tocante à ausência de sonoridade, constituem de forma singular os processos de significação dos indivíduos que a utilizam”. Desse modo, é preciso pensar no surdo como participante de um grupo social, usuário de uma língua sinalizada condicionada por seus

parâmetros constituintes, que explica todo o funcionamento visual, uma vez que esta é expressa através das mãos e demais componentes.

Há, claro, muitos surdos sem acesso a sua língua, tanto no processo de escolarização como no seio familiar. Desta forma, destacamos aqui a Libras como sendo sua língua natural, ou mesmo quando estes desenvolverem formas gestuais para o contato com a família e outras pessoas na sociedade.

2.3 Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa

A Libras possui as modalidades sinalizada e escrita (ALVES; PAIXÃO, 2018) e tem suas próprias condições de funcionamento, bem como sua própria gramática, regras, ideias pelas quais o usuário precisa entender para usá-la corretamente.

É importante colocarmos que, segundo Quadros (2006), existe a escrita das línguas de sinais, um sistema não-alfabético que representa as unidades espaciais-visuais dessa língua. No entanto, ela não é difundida ainda. Caso o fosse, os surdos poderiam ser letrados na sua própria língua, o que favoreceria, provavelmente, a aquisição da escrita do português. Também é importante compreender que a Libras possui um modo de produção de expressão através das mãos, mas não apenas isto, considerando que outros elementos existem para que a mesma seja realizada. Os parâmetros são elementos importantes para sua utilização, uma vez que eles norteiam a sinalização.

Segundo Ramos e Muniz (2018), as línguas de sinais foram assim denominadas pelos estudos linguísticos de William Stokoe, que, na década de sessenta do século passado, comprovou sua condição de língua natural, de modo a anular veementemente sua percepção como linguagem ou mímica.

Desde Stokoe, diversas outras pesquisas linguísticas foram, e continuam sendo, desenvolvidas com o objetivo de corroborar com a classificação das LS como línguas naturais, como bem aponta Silva (2019).

Pensando assim, a língua de sinais de acordo Silva e Silva se constitui:

por meio das mãos e de uma complexa expressão corporal captada pelos olhos, principalmente, que os surdos se comunicam e se constituem linguisticamente; sua língua, a Língua de Sinais, é sinalizada e se configura de modo diferente das línguas orais (2016, p. 34).

A autora ainda explica que, embora se reconheça a influência das línguas orais na formação inicial das LS, estas se desenvolveram e tomaram forma de acordo com as necessidades comunicativas dos seus usuários que contam com um meio diferente de utilizar a linguagem. Desse modo, é importante pontuar que cada país possui sua língua de sinais, uma vez que a cultura é um fator determinante na linguagem e, claro, de acordo com a necessidade dos usuários.

Outro fator importante que deve ser colocado é que a Libras é uma língua sinalizada, diferentemente do Português que é oral, e que, como destacado, os surdos devem aprendê-la na modalidade escrita. Para tanto, Brito explica que a Libras

é dotada também de componentes pragmáticos convencionais, codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas linguísticas da LIBRAS, isto é, permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam de forma a corresponder às diversas funções linguísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua (2013, n.p).

O surdo, usuário dessa língua sinalizada, posta aqui como sua língua natural, a tem para comunicação dentro de variados contextos. Como toda língua apresenta meios para sua efetivação, a exemplo, os parâmetros da Libras.

Silva diz que

a partir da certificação do caráter linguístico da Libras, assim como aconteceu em várias partes do mundo, as pesquisas linguísticas ganharam força e puderam ser cada vez mais desenvolvidas, o que configura um ganho muito grande para os usuários dessa língua, pois, assim como para as línguas orais, os estudos linguísticos se fazem necessários para a compreensão de certos fenômenos, possibilitando avanços nos trabalhos dos profissionais que lidam com essas línguas (2019, p. 26).

O que queremos apontar é que, por se tratar de uma língua de gramática própria, de caráter sinalizada, alguns elementos se darão de forma diferente do Português oral. A Libras, a língua de sinais do Brasil, tem estrutura que obedece suas regras de funcionamento.

Tais regras obedecem à estrutura de uma língua sinalizada em relação ao Português que é oral, ainda que ambas se apresentem com a estrutura básica em SVO, em outras questões se dão de maneira diferente. É importante destacar essa singularidade de forma que

fique claro que se trata de uma língua diferente por utilizar-se do canal visual e não o auditivo.

Para tanto, Alves e Correia (2015) explicam que a concepção geral sobre a sintaxe é a de que se trata de olhar a estrutura frasal da língua observando os entrelaçamentos que as palavras são postas para produzir sentido. Elas ainda explicam que a língua de sinais, por apresentar aspectos de simultaneidade, permite que os vocábulos em uma sentença sejam produzidos de forma simultânea.

Quadros e Karnopp (2004) explicam que a ordem básica na língua de sinais brasileira é SVO e que OSV, SOV e VOS são derivadas de SVO. Assim, as mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais. Donato (2011) afirma que o aspecto linguístico das línguas de sinais é caracterizado pelo estabelecimento de um local como referência no espaço.

A autora ainda explica que existe, na língua de sinais, uma ordem básica que determina o domínio do aspecto formal da língua pelo sinalizador. Reafirmando que a ordem básica da língua de sinais é sujeito-verbo-objeto (SVO). Ela também diz que outras ordens podem ser encontradas, mas, na Libras, é a SVO que prevalece quando o sujeito e o objeto estão explícitos na sentença.

Donato (2011) diz que na Libras não pronunciar o sujeito e o objeto é possível, é só observar o contexto sintático em que o sujeito e o objeto são recuperáveis, podendo a frase se apresentar também em SV, SOV e OVS.

Avelar e Freitas pontuam, sobre a gramática da Libras, ainda que

o termo “Libras” é a sigla de “Língua Brasileira de Sinais”, a língua natural da comunidade Surda no Brasil. De modalidade visual-motora, a Libras é composta por sistemas lingüísticos, apresentando o nível sintático (da estrutura), o nível semântico (do significado), o nível morfológico (da formação de palavras), o nível fonológico (das unidades que constituem uma língua) e o nível pragmático (envolvendo o contexto conversacional). Nas línguas orais, o que chamamos de “palavras”, são itens lexicais que, na Libras, correspondem aos “sinais” (2016, p. 14).

Sendo assim, a língua de sinais também corresponde aos itens de qualquer outra língua, a diferença está na forma que ela se apresenta. A base da língua, por assim dizer, é formada por sinais e pelas muitas regras tidas na realização dos mesmos.

Alves e Correia (2015) apontam que a lógica espacial não estabelece ordem, assim, um sujeito de uma oração pode livremente aparecer no início ou no final da oração da Libras.

As autoras ainda explicam que a espacialidade, o movimento e o referencial são aspectos sintáticos importantes para a compreensão do sentido que se quer produzir em uma frase da Libras.

Dessa forma, faz-se necessário explicar o funcionamento dessa língua, uma vez que esta se dá de forma diferente de uma língua oral em relação à modalidade aqui discutida. Silva diz que

por outro lado, há aspectos que são exclusivos das LS, características que não são encontradas nas línguas orais como as que são referentes aos efeitos da modalidade visuoespacial. Entre esses aspectos, os que estão relacionados especificamente à modalidade física da língua são: o uso do espaço, a simultaneidade e a iconicidade, ou motivação lexical e gramatical. Outro aspecto se refere à situação sociolinguística das LS, diante do seu desenvolvimento histórico. (2019, p. 27).

Tendo todas essas condições, entende-se que, por se tratar de outra língua, a forma da escrita sofrerá mudanças no caso exposto e na forma que o surdo se apropria ou não da escrita do Português, algo que é cobrado em todos os âmbitos por se tratar da língua do nosso país.

Além disso, Brito (1995) afirma que, na estrutura frasal na Libras, é frequente o uso de topicalização em que há o uso do verbo como nuclear, incorporação do complemento, quanto à concordância verbal. Quadros e Karnopp (2004, apud ALVES; CORREIA, 2015) reafirmam que essa condição é percebida através do estudo sobre verbo com concordância e construções de frase com foco.

Segundo Nunes

em Libras este fenômeno ocorre de maneira mais frequente, que poderia até ser chamada da ordem básica da formação das sentenças nesta língua. Até então não se pode afirmar que a topicalização é a ordem natural das frases em Libras, há uma hipótese em que pode ser feita é de que o tópico é muito mais utilizado do que a ordem SVO (2015, n.p).

Desse modo, é importante observarmos que a Libras, assim como qualquer outra língua, tem suas características próprias, além de que ela segue a estrutura básica em SVO, podendo ser feita em outras ordens, como afirma Quadros e Karnopp (2004) ao dizer que a língua brasileira de sinais apresenta certa flexibilidade na ordem das palavras.

Como esta pesquisa aborda a interlíngua como processo da escrita do surdo, faz-se necessário explanarmos estruturalmente como se dá a língua que estes sujeitos devem ser ensinados na escola, como bem explicamos anteriormente e consta nos documentos oficiais

do país. Para tanto, colocamos que a Língua Portuguesa é oral-auditiva e segundo Brito (2013), e, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte, o Português é uma língua de base sujeito-predicado, e a sua ordem predominante é: sujeito (S) – verbo (V) - objeto (O), normalmente chamada de SVO.

A autora diz que os componentes ou as unidades mínimas constitutivas das palavras em Português são os fonemas e que, sequencialmente combinadas, formam as palavras. Tais unidades se organizam e estruturam linearmente no tempo.

Abreu (2003) pontua que frase é a menor unidade do discurso capaz de transmitir uma mensagem. Na escrita, a frase é delimitada, à esquerda, por uma letra maiúscula iniciando a primeira palavra e, à direita, por um ponto final, de interrogação, de exclamação, reticências, ou ainda mais de um desses sinais, simultaneamente.

Nesse sentido, Abreu (2003) diz que as frases podem manifestar-se como orações simples ou complexas. A oração simples é constituída em torno de apenas um verbo principal por ser construída em torno de um único processo verbal, já as orações complexas são, pois, aquelas que se desdobram em duas ou mais orações.

Bechara (2009) explica que entre os enunciados há um conhecido pelo nome de oração que, pela estrutura, representa o objeto mais propício à análise gramatical, por melhor revelar as relações que seus componentes mantêm entre si. Nesse sentido, o enunciado também aparece sob forma de frase, cuja estrutura interna da oração não apresenta relação prediativa.

O autor também explica que quando há um verbo (sintagma verbal), se caracteriza uma oração estabelecendo uma relação prediativa dada pelo sujeito e o predicado. Para as orações coordenadas, Bechara (2009) explica que estas são sintaticamente independentes entre si e que podem combinar para formar grupos oracionais ou períodos compostos. Já para as subordinadas, o autor explica que estas acontecem quando uma oração funciona como membro sintático de outra unidade.

A partir da perspectiva da sintaxe, Luft (2002) apresenta que, dentro da terminologia gramatical, temos na língua Portuguesa a frase como sendo o termo mais abrangente que abarca a intenção comunicativa definida. O autor explica que se a frase tem pelo menos um verbo, e portanto uma oração, chama-se período. Todo período é uma frase, mas não vale o inverso: há frases sem verbo, portanto não períodos.

A sintaxe da Língua Portuguesa, explicada por esse autor, se ocupa da combinação de formas para construir unidades maiores, ou ainda o estudo das regras que presidem à

combinação de palavras para constituir frases. Explicada pela tripartição tradicional: concordância, regência e colocação. Nesse sentido, Luft

aponta que convém explicar que na estrutura do português a regência como sendo responsável pela função subordinativa de termos principais (regentes) sobre os termos dependentes (regidos) como princípio que governa a estrutura da frase, além de fazer a conexão vocabular dos conectivos: conjunção, pronome relativo, preposição, verbo de ligação (2002, p.41)

Para esta pesquisa, apontamos aqui os casos de interlíngua em relação aos conectivos, ocorridos em textos de surdos usuários do Português na modalidade escrita. Perini (2016) desenvolve um capítulo sobre os conectivos, os quais ele os nomeiam de preposição, conjunção e coordenadores.

Desse modo, as definições dadas por Perini (2016) quanto à preposição, é de uma palavra que se coloca antes de SN (sintagma nominal) de maneira que a sequência resultante é um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial. Quanto às conjunções, o autor diz que estas têm função paralela à das preposições, mas em vez de se acrescentarem a SNs, acrescentam a orações.

Perini afirma:

(tradicionalmente chamados "conjunções coordenativas"). Eles têm função radicalmente diferente da das conjunções, pois não "criam" uma categoria a partir de outra. Em vez disso, os coordenadores ligam dois constituintes da mesma classe, formando um constituinte maior, igualmente da mesma classe (2016, p. 445-446).

Segundo o autor, existem cerca de 50 preposições no PB e o principal motivo de haver muitas é que elas atribuem papel temático ao sintagma que ajudam a formar. Já no caso das conjunções, Perini (2016) ainda afirma que existem cerca de 30 conjunções em português e, tal como as preposições, muitas são especializadas em um papel temático específico.

Num sentido mais amplo da língua, Antunes (2009) pontua que construir um texto, capaz de funcionar sociocomunicativamente num contexto específico, é uma operação de natureza também lexical e gramatical. De forma que não podemos escolher aleatoriamente as palavras, nem arrumá-las de qualquer jeito, nem tampouco optar por qualquer sequência de frases. Isso implica dizer que tudo está submetido a uma série de restrições, que constituem, no final, o conjunto das regularidades de cada língua.

A autora explica que as regras da gramática da língua são essenciais, são indispensáveis, para a produção do sentido e das intenções que caracterizam as interações verbais. Sem gramática não há língua, não se fazem textos, nem orais e nem escritos, nem formais nem informais. Para o funcionamento da Língua Portuguesa em relação ao sentido de um texto, tanto em relação à sintaxe e aos sentidos por ela produzidos fica posto que

na construção da frase, é decisivo-para a clareza e precisão do que se diz- o discernimento quanto ao que escolher e trazer para a superfície. Escolhas indevidas podem obscurecer o sentido ou até comprometê-los. A relevância das determinações lexicais e das regras gramaticais reside, exatamente, no fato de ambas se prestarem a possibilitar a representação de um sentido. Daí por que essas determinações e regras constituem uma condição necessária para expressão do sentido, embora sua eventual alteração possa ser, ela mesma, veiculadora de um efeito especial de sentido (ANTUNES, 2009, p.97).

A sequência das palavras e as escolhas lexicais que fazemos na língua portuguesa refletem sobre o conhecimento linguístico que temos mesmo não sendo expostos, por exemplo, às gramáticas escolares, e mostram que, ainda para efeitos de comunicação, atingimos as ideias básicas dessa língua em seu caráter funcional e social como toda língua tem em si.

De acordo com Terra (2018), as regras gramaticais internalizadas pelos falantes permitem-lhes produzir infinitas frases, bem como compreender frases que nunca ouviram antes. As formas linguísticas existem para produzir sentidos, por isso, as frases produzidas por essas regras, que pertencem ao domínio da sintaxe, devem manifestar um sentido.

Nesse sentido, o autor pontua que as regras intrínsecas nos permitem a construção de enunciados inteligíveis (frases gramaticais) e que as extrínsecas são ditadas pela comunidade ou por parte dela. As regras intrínsecas são naturais, pertencem à língua formando sua gramática, ao passo que as extrínsecas não são naturais: são convenções de ordem social.

Ao processo de ordenação das palavras dadas nas frases analisadas, observamos que elas apresentam estrutura básica da Língua Portuguesa, o que se pontua nesta pesquisa é o não uso, na maioria dos casos, dos conectivos necessários para essa língua-alvo. Para tanto, apresentamos a interlíngua, sistema linguístico aproximado, inerente na aquisição de uma L2 na produção da escrita de surdos.

3. A INTERLÍNGUA EM USOS DE CONECTIVOS

Os surdos têm o Português na modalidade escrita como L2, sendo assim, a forma que eles formularão suas ideias na escrita da língua portuguesa se esbarraará na forma de ensino-aprendizagem que estes sujeitos tiveram ao longo do seu processo de escolarização na sua L1.

A interlíngua é entendida como “um sistema aproximado que ocorre em uma etapa intermediária suscetível a modificações e reestruturações do *input* do aprendiz” segundo Selinker (1972, apud ROCHA; ROBLES, 2017, p. 644).

Do mesmo modo, Rocha e Robles (2017) reafirmam que a interlíngua é conhecida como o “sistema aproximado”, pois se trata de um sistema linguístico utilizado pelo aprendiz, durante seu processo de aprendizagem de outra língua. O falante recorre a esse sistema aproximado para se exprimir na língua-meta. As autoras ainda afirmam que a interlíngua se refere às etapas pelas quais o aprendiz percorre antes de atingir sua meta ao aprender uma segunda língua, no caso, o Português para os surdos.

O fenômeno que se produz quando um indivíduo utiliza, na língua-meta, uma característica fonética, léxica, morfológica ou sintática de sua língua nativa é a interferência, como explicam Poza e Melo (2018). Tais interferências podem acontecer nesses níveis básicos, porém os autores explicam que, numa análise, é difícil apenas um ser observado, já que outros também podem ocorrer. Segundo eles, a interlíngua é considerada de três formas: a interlíngua como competência linguística de transição, como um sistema aproximativo e como um sistema intermediário.

Os autores também pontuam que

uma característica bem específica deste fenômeno: não há um padrão, um modelo capaz de prever como pessoas diferentes vão desenvolver na prática a interlíngua. Esta sofre variações constantes em cada indivíduo e não de forma necessariamente estável. O fenômeno ocorre de modo distinto e específico em cada pessoa. A interlíngua se caracteriza, enfim, como fenômeno autônomo, no sentido de criar suas próprias “regras”. Pode-se dizer, também, que a interlíngua está em constante evolução pelo fato de ela estar constituída por várias etapas sucessivas de aproximação à língua meta (POZA; MELO, 2018, p. 7).

Os erros interlinguísticos são o resultado de um processo de transferência e os erros intralinguísticos são gerados pelo conhecimento parcial de L2, de acordo com Gisbert (1998, apud AGUDELO, 2018), vistos em interferências simples, gráficas ou mesmo compostas observadas nos níveis básicos.

Avelar e Freitas (2016) afirmam que o professor, ao lecionar a primeira e a segunda língua para o surdo, deve buscar a melhor qualidade de ensino e o maior desenvolvimento na aprendizagem de seus alunos. Sobre o processo de interlíngua com sujeitos surdos, Silva diz que

uma das características da aprendizagem do português escrito por pessoas surdas é a formação da interlíngua como parte natural desse processo. A interlíngua é um sistema, criado pelo aprendiz no decorrer do seu processo de assimilação da língua alvo (LAL) e apresenta uma estrutura intermediária entre a sua L1 e a L2. Essa estrutura apresenta regras que aparentam estar entre as regras dos dois sistemas da L1 e da L2, no entanto, sem se enquadrar em nenhuma das duas. Esse fenômeno configura a transição entre a língua materna e a língua alvo durante o processo de aprendizagem (2016, p. 67).

Dessa forma, a escrita do aluno surdo no Português escrito sofrerá, por assim dizer, o processo de interlíngua marcado pela sua L1, a Libras, para a transposição para a L2, o Português. De acordo com Ruas (2018, p. 65) a representação mental que possui da língua em questão quanto a uma determinada propriedade linguística não coincide com a da gramática alvo.

O que se verifica é o quanto essa transposição nesse processo de estruturação da sua L1 para uma outra língua com outra estrutura. De fato, há este fenômeno na escrita dos sujeitos surdos. Além do mais, estes escrevem textos pautados nas experiências visuais, além de pensar em outra língua o que determina as características peculiares de sua escrita em língua portuguesa.

Quadros (2006) afirma que, dessa forma, o Português enquanto segunda língua, a língua-alvo, apresenta características de aquisição observadas em processos de aquisição de outras línguas, ou seja, observa-se a variação individual tanto no nível do êxito como no processo, nas estratégias usadas pelos próprios alunos, bem como nos objetivos.

Ruas pontua nessa perspectiva que

quando o indivíduo está em processo de aprendizagem de línguas, seja em contexto de imersão, seja em contexto de não imersão, o conhecimento inconsciente está atuando o tempo todo, como uma força ora favorável, ora não favorável, neste caso, devido à representação da L1, mas também ao espaço de hipóteses das línguas naturais. O seu estado de interlíngua pode ser um tal que, para determinado aspecto linguístico, não esteja de acordo com as propriedades da L1, nem com as da L2, mas de alguma língua natural (RUAS, 2018, p. 65).

É necessário pontuar que a interlíngua é um processo que ocorre na escrita de surdos em textos em Português, são marcas que os mesmos trazem quando tentam formular escritos numa língua a qual estão em constante aprendizado. Sendo assim, podemos pensar que a escrita do surdo perpassa a estrutura da sua L1 e colocar a escrita não é uma transcrição do pensamento, tendo em vista a questão do vocabulário, a limitação do conhecimento de palavras para variados contextos que os mesmos são expostos diariamente na escola, na vida social, entre outros.

Para isso, Silva reafirma que

no caso das pessoas surdas em fase de aprendizagem do Português escrito, ocorre também a formação de uma interlíngua, pois se trata de um processo de aquisição/aprendizagem de uma L2. Por isso, é comum que as produções linguísticas escritas em Português por surdos usuários da Libras apresentem marcas da LS e elementos da escrita do Português mesclados (2019, p. 18).

Quando lemos produções escritas de surdos, nos deparamos, muitas vezes, com construções que fogem às normas gramaticais do Português escrito, sabendo que esse deve obedecer à norma padrão da língua. É muito comum vermos que a escrita, ao perpassar por L1, apresenta traços marcantes na escrita produzida pelo surdo, considerando que é algo inerente no processo de interlíngua dos sujeitos surdos.

É importante também conceituar, segundo Schütz (2003), a interferência como sendo a ocorrência de formas de uma língua na outra, causando desvios perceptíveis no âmbito da pronúncia, do vocabulário, da estruturação de frases, bem como nos planos idiomático e cultural. A interferência é a principal característica da interlíngua e da fossilização.

A fossilização ou cristalização é definida por este autor referindo-se aos “erros e desvios no uso da língua estrangeira, internalizados e difíceis de serem eliminados, característica de quem estuda línguas, especialmente na infância, sem ter contato com falantes nativos” (SCHÜTZ, 2013, n.p).

Quadros (2006) explica que, no caso dos surdos há, por exemplo, fossilização, ou seja, estabilização de certos estágios do processo de aquisição. Há, também, a indeterminação das intuições (em relação ao que é e o que não é permitido na gramática da língua-alvo). Além disso, pode haver influência de fatores afetivos.

Uma problemática apontada por Poza e Melo (2018) quanto à fossilização é que, a partir do momento em que a fase da interlíngua como intermediária da aprendizagem se prolonga cada vez mais, não há tanta preocupação em avançar o nível.

Na escrita dos surdos, tendo o Português como uma segunda língua, sabendo das interferências linguísticas e que a mesma sofrerá alterações quando perpassadas pela L1, isso, porque, como dito por Schütz (2013) na definição apresentada, a interferência de uma língua à outra sempre causará desvios.

Os desvios da escrita são aqui entendidos como sendo algo inerente numa aprendizagem de L2, ainda mais acentuada pelo fato de ser de uma língua sinalizada para uma oralizada. Consideramos que, para os surdos, esta é na modalidade escrita. O que ainda pode ser dito é sobre o fato desta L1 ser, da forma que é estruturada, o que acarretará nos desvios da escrita ainda mais pensados pelos contextos variados pelo sentido e significação das palavras da língua portuguesa.

Como já pontuado anteriormente, o vocabulário reduzido compromete significativamente a escrita dos surdos que, assim como explica Silva (2019), é uma das características limitantes na escrita desses sujeitos. Quanto à estruturação frasal, os surdos também apresentam desvios na escrita atribuídos à sua falta de memória auditiva, pois são sujeitos que compreendem o mundo de forma visual. O canal de entendimento do surdo será outro.

Brochado (2003) diz que a apropriação de uma L2 pelos surdos, no caso a escrita do Português, caracteriza-se por um processo contínuo, constituído por etapas, que se sucedem no tempo, cujo ponto de partida é a língua de sinais (L1) e o ponto de chegada é a Língua Portuguesa (L2), na modalidade escrita. A autora ainda pontua que cada uma destas etapas ou estágios de aprendizagem dos alunos aprendizes constitui a sua interlíngua. No caso dos surdos são apresentados três níveis, aos quais são apontados elementos no processo evolutivo no processo de aquisição.

Para esse processo, Brochado (2003), apresenta estágios de interlíngua na escrita do surdo. No estágio I, observamos o emprego predominante de estratégias de transferência da língua de sinais (L1) para a escrita da Língua Portuguesa (L2) desses informantes, caracterizando-se por:

- predomínio de construções frasais sintéticas;
- estrutura de frase muito semelhante à Língua de Sinais Brasileira (L1), apresentando poucas características do Português (L2);
- aparecimento de construções de frases na ordem SVO, mas maior quantidade de construções tipo tópico-comentário;

- predomínio de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos, verbos); falta ou inadequação de elementos funcionais (artigos, preposição, conjunção);
- usar verbos, preferencialmente, no infinitivo; . empregar raramente verbos de ligação (ser, estar, ficar), e, às vezes, incorretamente;
- usar construções de frase tipo tópico-comentário, em quantidade, proporcionalmente maior, no estágio inicial da apropriação da L2;
- falta de flexão dos nomes em gênero, número e grau; . pouca flexão verbal em pessoa, tempo e modo;
- falta de marcas morfológicas;
- uso de artigos, às vezes, sem adequação quanto ao uso;
- pouco emprego de preposição e/ou de forma inadequada;
- pouco uso de conjunção e sem consistência; .
- semanticamente, é possível estabelecer sentido para o texto.

No estágio II, Brochado (2003) constata que, na escrita de alguns alunos, há uma intensa mescla das duas línguas, em que se observa o emprego de estruturas linguísticas da Língua de Sinais Brasileira e o uso indiscriminado de elementos da Língua Portuguesa, na tentativa de apropriar-se da língua alvo. Emprego, muitas vezes, desordenado de constituintes da L1 e L2, como se pode notar:

- justaposição intensa de elementos da L1 e da L2;
- estrutura da frase ora com características da Língua de Sinais Brasileira, ora com características da frase do Português;
- frases e palavras justapostas confusas, não resultam em efeito de sentido comunicativo;
- emprego de verbos no infinitivo e também flexionados;
- emprego de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos e verbos);
- às vezes, emprego de verbos de ligação com correção;
- emprego de elementos funcionais, predominantemente, de modo inadequado;
- emprego de artigos, algumas vezes concordando com os nomes que acompanham;
- uso de algumas preposições, nem sempre adequado;
- uso de conjunções, quase sempre inadequado;

- inserção de muitos elementos do Português, numa sintaxe indefinida;
- muitas vezes, não se consegue apreender o sentido do texto, parcialmente ou totalmente, sem o apoio do conhecimento anterior da história ou do fato narrado.

No estágio III, Brochado (2003) explica que os alunos demonstraram na sua escrita o emprego predominante da gramática da Língua Portuguesa em todos os níveis, principalmente, no sintático. Definindo-se pelo aparecimento de um número maior de frases na ordem SVO e de estruturas complexas, caracterizam-se por apresentar:

- estrutura da frase na ordem direta do Português;
- predomínio de estruturas frasais SVO;
- aparecimento maior de estruturas complexas;
- emprego maior de palavras funcionais (artigos, preposição, conjunção);
- categorias funcionais empregadas, predominantemente, com adequação;
- uso consistente de artigos definidos e, algumas vezes, do indefinido;
- uso de preposições com mais acertos;
- uso de algumas conjunções coordenativas aditiva (e), alternativa(ou), adversativa (mas), além das subordinativas condicionais (se), causal e explicativa (porque), pronome relativo (que) e integrante (que);
- flexão dos nomes, com consistência;
- flexão verbal, com maior adequação;
- marcas morfológicas de desinências nominais de gênero e de número; . desinências verbais de pessoa (1ª e 3ª pessoas), de número (1ª e 3ª pessoas do singular e 1ª pessoa do plural) e de tempo (presente e pretérito perfeito), com consistência;
- emprego de verbos de ligação ser, estar e ficar com maior frequência e correção.

É importante pontuarmos que a oração explicativa (porque) segundo Bechara não é uma conjunção subordinativa nem coordenativa, podendo ser explicada

no caso de *pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante*. Assim, além das conjunções coordenativas já assinaladas, teríamos também as

explicativas (*pois, portanto, etc.*) e *conclusivas* (*pois* [posposto], *logo, portanto, então, assim, por conseguinte, etc.*), *sem contar contudo, entretanto, todavia* que se alinham junto com as adversativas. Não incluir tais palavras entre as conjunções coordenativas já era lição antiga na gramaticografia de língua portuguesa. Perceberam que tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas, apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidades semânticas. Que esses advérbios não são conjunções coordenativas e desempenham funções diversas (2009, p. 322).

Quadros (2006) explica que os estágios da interlíngua apresentam características de um sistema linguístico com regras próprias e vai em direção à segunda língua. A interlíngua não é caótica e desorganizada, mas apresenta, sim, hipóteses e regras que começam a delinear outra língua que já não é mais a primeira língua daquele que está no processo de aquisição da segunda língua.

Uma vez que o código linguístico não consegue abarcar o processo no aprendizado desses sujeitos na escola, faz-se necessário compreender que a escrita é resultado do processo de interlíngua, por terem nesse contexto, duas línguas, uma para sua comunicação e a outra para escrita.

Silva ainda pontua que

no processo de formação da interlíngua há a observação de cinco processos fundamentais: a transferência linguística, em que os itens fossilizados são resultado da transferência da língua materna; a transferência por treinamento, em que esses itens são oriundos de um processo de treinamento; as estratégias de aprendizagem, onde a fossilização é resultado de uma aproximação do aprendiz com o material didático; as estratégias de comunicação, que são resultado da aproximação do aprendiz com falantes da língua alvo em tentativas de comunicação; e a supergeneralização da língua alvo, em que há uma supergeneralização de itens gramaticais e lexicais da língua alvo (2019, p. 68).

As condições aqui apontadas são vistas comumente em textos escritos por surdos. A transferência acaba por ser a razão, ou uma das razões, pela qual os textos apresentam marcas de sua L1. O surdo é bilíngue e visual, a característica do texto dele em uma língua escrita deve abarcar suas reais necessidades/especificidades sabendo que sua escrita perpassa sob o processo de interlíngua.

Pereira (2019) diz que o conceito de transferência linguística adquire, nesta perspectiva, uma interpretação mais cognitiva, admitindo a possibilidade de receber

influências de outros processos psicolinguísticos e passando a ser vista como um dos processos ativos no desenvolvimento da aquisição de uma LE.

A autora ainda explica a constatação de que os aprendizes cometem erros de maneira sistemática, através do emprego de estratégias, procurando testar suas hipóteses acerca da LE e, por isso, é um marco teórico que interpreta o erro como positivo e necessário para a aprendizagem, sendo um indício do processo cognitivo que ocorre durante a aquisição.

Assim sendo, podemos pensar no processo de interlíngua partindo da língua natural, a Libras, para a língua-meta, o Português na modalidade escrita. Nesse processo, as interferências linguísticas influenciam na escrita desses sujeitos, além de que, na aprendizagem dessa segunda língua, as hipóteses criadas na aquisição resultarão na forma de escrita nessas duas línguas.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Analisar o uso de conectivos na produção textual de surdos em língua portuguesa.

4.2 Objetivos específicos

No texto produzido pelo surdo em língua portuguesa,

- Fazer o levantamento dos casos de desvios de uso de conectivos;
- Identificar as ocorrências sintáticas dos conectivos (preposições e conjunções) no texto escrito por surdos;
- Descrever as construções de interlíngua no uso de conectivos no texto escrito.

5 METODOLOGIA

A construção desse trabalho se dá em pesquisa documental que, segundo Silva, Almeida e Guindani (2009), é o uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural.

Como bem explicam Silva, Almeida e Guindani (2009) quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos.

A pesquisa documental é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos, como afirmam Silva, Almeida e Guindani (2009). Para esta pesquisa, adotamos a forma de análise de conteúdo por possibilitar as formas de trabalho e investigação contidas nos feixes de significação.

Consideramos, assim, que esta pesquisa desenvolve-se por meio de documentos, contextualização, objetivos e teorias, a fim de subsidiar seu desenvolvimento, apresentando os caminhos percorridos e descrevendo as atividades realizadas bem como os resultados obtidos e discussões levantadas a partir dela.

5.1 Corpus da pesquisa

O corpus desta pesquisa consiste nas redações produzidas pelos alunos surdos, contamos com a análise de dezessete (17) redações com as seguintes temáticas: assoreamento dos rios (2), empatia (2), saúde pública no Brasil (4), liberdade de expressão (1), formação de família (2), desigualdade social (2), desastres naturais/tragédia (2), Redação do Enem 2019 (2).

As redações aqui analisadas são produtos de reescrita. Portanto, é um corpus que possui como variável interferente a correção individual das redações juntamente com professores do curso do qual elas se originaram.

Optamos por não trabalharmos as redações iniciais, pois o acompanhamento na reescrita era um dos objetivos do curso, de forma que houvesse esse apoio no ensino das normas da língua portuguesa visando o gênero solicitado: redação do Enem. O critério de inclusão para os dados do trabalho foram redações que apresentaram casos de interlíngua. Toda análise se concentra nos casos de interlíngua.

5.2 Procedimentos: o caminho percorrido para a realização da pesquisa

Os procedimentos desta pesquisa se deram com base na obtenção dos textos desenvolvidos pelos alunos surdos do curso. Sendo assim, os procedimentos da análise documental partiram da coleta dos textos para construção do corpus da pesquisa. Os procedimentos se deram também com a solicitação dos textos aos alunos para compor a pesquisa aqui apresentada. Todos os textos foram produzidos e reescritos por eles ao longo do curso, bem como devolvidos depois de tirarmos cópias e servir de apoio documental desta pesquisa.

5.3 Procedimentos da coleta de documentos

Para a realização da pesquisa documental foi pensada uma forma de obtenção dos textos escritos por surdos, considerando que, durante o curso, foram trabalhadas temáticas para discussão e desenvolvimentos das redações. Coletamos tais documentos para a pesquisa com o consentimento dos alunos.

A coleta dos documentos para realização da análise documental foi realizada exclusivamente com os alunos do curso, por termos contato direto com eles na sala de aula e poder observar todo o processo da escrita e reescrita, além de orientarmos durante esses feitos.

Dessa maneira, os documentos desta pesquisa nos apontam como a análise pôde ser feita partindo dos textos construídos dentro do curso, bem como na estruturação do gênero trabalhado: redação do Enem.

5.4 Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada em três etapas. Cada redação foi lida atentamente, período a período e cada um deles se constitui como um enunciado construído no texto. Na primeira etapa da leitura, identificamos os desvios da língua portuguesa, na segunda, relemos e fizemos a separação dos casos de interlíngua dos desvios.

Por essa razão, a análise feita assumiu uma forma quali-quantitativa dos dados colhidos, bem como se propôs, através dos resultados encontrados, a compreender a dinâmica da escrita dos surdos em outra língua e como a interlíngua está presente nas suas construções.

É interessante pontuar que os elementos que buscamos foram identificados,

numerados e categorizados, a fim de mostrar as ocorrências e explicar em que situações elas acontecem sob as interferências tidas na interlíngua desses sujeitos.

Na análise quantitativa, fizemos a análise de frequência que apontou quinze casos de interlíngua. Nela, verificamos a quantidade de vezes que encontramos casos específicos de interlíngua no corpus analisado. A análise de frequência pode ser explicada pelo número de ocorrências nas redações, como explica Alves (2008) que a partir da análise das frequências é possível ter uma indicação clara das variáveis que apontam os casos da interlíngua.

Na análise qualitativa, buscamos apresentar de que maneira a interlíngua e suas interferências ocorrem em textos escritos por surdos, além de pensar no modo que se dá a aquisição em outra língua na modalidade escrita para produção de sentido e significação dadas por eles em seus textos, expressar em outra língua as ideias que partem da construção da sua.

Nessa análise consideramos os períodos feixes de significação. Na primeira etapa que corresponde ao levantamento, à medida que os períodos foram lidos foram incluídos como elemento de análise ou excluídos. Nesse momento, os enunciados que foram incluídos como objeto de análise foram os que continham casos de interlíngua. Os que não tinham eram excluídos imediatamente.

Nessa perspectiva, interessa ao pesquisador conhecer os aspectos que caracterizam os dados obtidos, de maneira que, ao investigar, possa compreender a complexidade do objeto bem como explicar com base na teoria posta na literatura disponível sobre determinada temática.

Para a realização da análise temática foram seguidas as etapas indicadas por Minayo (2013), sendo na pré-análise: a escolha dos documentos, leitura e constituição do corpus da pesquisa (redações do Enem escritas por surdos na sua L2), segunda etapa com averiguação das ocorrências da interlíngua nos textos (análise dos desvios e os casos de interlíngua), e terceira etapa tem-se o trabalho com significação (em relação aos dados obtidos), pois segundo essa autora, há variantes nesse tipo de abordagem que buscam trabalhar com feixes de significados ao invés de inferências.

À medida que se cumpriam as etapas de análise do corpus, observaram-se as ocorrências da interlíngua e de que forma elas acontecem nos textos dos alunos. É importante destacar que, ao longo desse processo, tivemos as análises feitas com base na teoria e no que nos foi apresentado em cada texto, para que, dessa forma, fosse possível o entendimento de

cada ocorrência, seja ela como desvio (ainda que não investigado nesse trabalho) ou mesmo sendo caso de interlíngua, princípio norteador dessa pesquisa.

6 CASOS DE INTERLÍNGUA NA PRODUÇÃO ESCRITA DO SURDO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, abordaremos como se dá o processo das construções linguísticas de interlíngua em textos escritos por surdos. Esta seção apresenta a pesquisa feita com base nos textos dos alunos e as discussões propostas neste trabalho quanto ao processo de interlíngua dos surdos, participantes do curso. Fizemos um levantamento das ocorrências dos desvios das normas sintáticas, enumeramos as ocorrências em cada redação e analisamos a semelhança dos desvios em Português com as normas da Libras. Aqui entenderemos como se deu o processo de interlíngua dos surdos na escrita de textos em Português atentando-se às ocorrências dos conectivos, preposições e conjunções no gênero Redação do Enem.

Apresentamos um levantamento dos casos de interlíngua e dos desvios, tendo como base textos de alunos surdos usuários de Libras escrevendo textos em português, sua L2. Os textos dos alunos foram colhidos ao longo do curso no processo de escrita e reescrita, considerando o acompanhamento da escrita e do entendimento dos mesmos para desenvolver dentro das temáticas trabalhadas nas aulas.

Nesse primeiro quadro, temos todas as quinze (15) ocorrências de interlíngua observadas nos textos marcadas pela interferências interlinguísticas pela omissão dos conectivos nas construções oracionais na escrita do surdo.

Quadro 1 – Omissões de uso de preposições e conjunções

Casos de interlíngua	Omissão das preposições “de”, “no”, “na”, “em”, “com”, “dos”	Omissão das conjunções “e” e “pois”.
Redação 1	2 (“de” e “no”)	-

Redação 2	1 (“de”)	-
Redação 3	1 (“de”)	-
Redação 4	2 (“com” e “dos”)	-
Redação 5	-	1 (“pois”)
Redação 6	-	-
Redação 7	-	1 (“que”)
Redação 8	-	-
Redação 9	-	-
Redação 10	-	-
Redação 11	-	-
Redação 12	-	1 (“na”)
Redação 13	2 (“de”)	-
Redação 14	1 (“de”)	-

Redação 15	-	-
Redação 16	1 (“no”)	1 (“e”)
Redação 17	1 (“de”)	-

De acordo com o quadro 1, observa-se que no *corpus* analisado foram encontrados 08 (oito) casos de omissão da preposição ‘de’ (em suas variações), 03 (três) casos da preposição ‘em’ (em suas variações), 01 (um) da preposição ‘com’. No caso das conjunções foram encontradas omissões de 01 (um) ‘pois’, 01 (um) ‘que’ e 01 (um) ‘e’. Uma vez que a Libras, em sua característica geral, não precisa de preposição nem conjunções, os surdos escritores em língua portuguesa apresentam em seu texto omissão de preposição e conjunção. Ao analisar a frequência de omissões, esse estudo indica que nos textos dos surdos há maior ocorrência de omissão da preposição de em suas variações (do, da). Indicamos que, em um estudo quantitativo mais apurado e com um *corpus* maior, seja verificada a significância da diferença de frequência de omissões de preposições e conjunções.

No quadro 2, temos todos os desvios quanto ao uso dos conectivos nas orações. Partindo da análise do mesmo, observamos que os surdos fazem uso de conectivos na tentativa de acertar, porém, acabam por usarem outros conectivos gerando um desacordo em relação à sintaxe da Língua Portuguesa. Assim, consideramos desvios porque eles sabem que em determinadas frases são necessárias conectivos, porém, não sabem usá-las. Observando a frequência de desvios quanto ao uso de preposições e conjunções, percebemos que no *corpus* há os seguintes casos de desvios e suas respectivas frequências: 09 (nove) ‘de’ (em suas variações), 02 (dois) ‘para’, 01 (um) em (em suas variações), 02 (dois) ‘com’, 01 (um) ‘por’, 01 (um) ‘que’, 01 (um) ‘e’ e 01 (um) pois. Os dados indicam que, assim como no caso de interlíngua, a maior frequência de desvios de norma de uso é da preposição ‘de’ em suas variações. Assim, os dados nos indicam que os surdos sentem maior dificuldade no uso da preposição ‘de’. Portanto, indicamos novas pesquisas tanto qualitativa quanto quantitativa para compreender melhor esse fenômeno.

Os surdos, sujeitos desta pesquisa, sabem que na língua-alvo existem os conectivos e que na própria língua não se faz necessário para a construção do sentido. Como bem

explicamos anteriormente, nem todas as redações apresentam casos de interlíngua, em algumas produções textuais temos desvios de níveis sintáticos. Esses desvios podem ser entendidos pela tentativa de acertar determinados usos na língua-alvo. Percebemos que quase todas as redações apresentam usos indevidos de conectivos sejam pelo uso de artigo inadequado ainda alguma omissão, bem como uso de alguma preposição ao invés de outra como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 2 – Desvios de uso de preposições e conjunções

Corpus	Usos indevidos
Redação 1	1 de preposição ‘de’.
Redação 2	1 de ‘que’.
Redação 3	2 da preposição ‘do’. 1 da preposição ‘para’.
Redação 4	1 preposição ‘em’.
Redação 5	1 preposição ‘com’.
Redação 6	2 de ‘de’; 1 da preposição ‘por’.
Redação 7	-
Redação 8	-
Redação 9	1 de ‘dos’.
Redação 10	-

Redação 11	1 de 'pois'.
Redação 12	-
Redação 13	1 da preposição 'de'.
Redação 14	1 de 'para'. 1 de 'com'. 1 de 'e'.
Redação 15	1 de 'do'.
Redação 16	-
Redação 17	1 de 'do'.

De modo geral, a construção da oração pelo surdo tem interferências de nível sintático quanto à organização dos elementos da gramática normativa do Português, bem como os casos aqui categorizados em relação aos conectivos, pois é a proposta deste trabalho.

Explicaremos o porquê desses casos de omissão dos conectivos nos textos de alunos surdos, tendo em vista pontuar o processo de interlíngua, argumentando suas ocorrências. Nessas análises, poderemos observar também que em algumas redações não encontramos casos de interlíngua quanto ao uso de conectivos. Porém, o foco deste trabalho é a interlíngua quanto à omissão dos conectivos, conjunções e preposições, nas redações escritas por surdo tendo o português como sua L2.

O surdo utiliza o Português na modalidade escrita como sua L2, tendo sua língua natural, a Libras, como apoio na aprendizagem dessa segunda língua. Por essa razão, já pontuamos o processo de uso de duas línguas, sendo estes sujeitos bilíngues. Dentro desse processo, temos o que pontuamos como interlíngua, explicada como sendo um “sistema aproximado” (ROCHA; ROBLES, 2017), pois se trata de um sistema linguístico utilizado pelo aprendiz durante o processo de aprendizagem de outra língua. O falante recorre a esse sistema aproximado para se exprimir na língua meta.

Para tanto, é importante destacar no processo de ensino-aprendizagem escolar a Libras como L1, é utilizada como apoio fazendo com que haja aí esse sistema linguístico da interlíngua na aquisição da L2. A escrita, por sua vez, sofrerá, por assim dizer, interferências cabíveis nesse processo.

Vale ressaltar que o Português tem suas normas estruturais, da mesma forma que a Libras tem as suas. Isso implica dizer que cada língua possui sua gramática. Outra diferença pontual dessas línguas é que uma é oral e a outra é sinalizada. A análise dos dados colhidos nesta pesquisa mostrará a interlíngua, considerando as ocorrências dos conectivos omitidos nas construções das orações por surdos tendo em vista a gramática normativa do Português, língua-meta nesse processo de interlíngua.

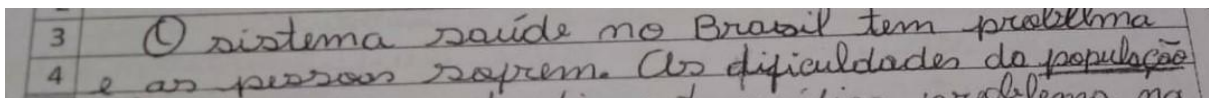
Nas redações dos alunos, observamos 15 casos de interlíngua. Os mais recorrentes em interlíngua são os de omissão da preposição ‘de’, sendo sete (07) casos nos textos. Nos demais casos, as ocorrências se deram pela omissão dos conectivos: dois (02) casos de ‘no’, um (01) caso de ‘na’, um (01) caso de ‘dos’, um (01) caso de ‘com’ e um (01) caso de ‘e’. Quanto às conjunções, categorizamos a omissão de um (01) caso de ‘que’, um (01) caso de ‘e’ e um (01) caso de ‘pois’.

Pudemos, dessa forma, perceber as ocorrências para explicarmos o porquê delas acontecerem, isso pensado na estrutura da Libras (língua de saída) e na estrutura do Português (língua alvo) desses sujeitos. Para tanto, selecionamos um exemplo de cada ocorrência de interlíngua e mostraremos como a interferência linguística é apresentada em nível sintático nas construções das orações a seguir. A maior ocorrência de interlíngua foi a omissão da preposição ‘de’ e por ela começamos a explicar como se dá a interlíngua na escrita do surdo.

Alves e Paixão (2018) afirmam que, no Brasil, foi criado um sistema de registro escrito de Libras por parte de ouvintes para a realização das primeiras pesquisas sobre sua estrutura linguística, chamado de glosa. Segundo os autores, com o avanço dos estudos sobre línguas de sinais, surge a necessidade da escrita, especialmente, para os estudos linguísticos, considerando que esse sistema é uma adaptação da representação gráfica utilizando-se do código alfabético para a Libras.

Para tanto, nesta pesquisa, nos utilizamos deste sistema para apontar os elementos constitutivos da língua. Os exemplos colocados possibilitam entender a estrutura da Libras, sendo as frases postas em letras maiúsculas. As frases aqui colocadas seguem o padrão da estrutura da Libras, bem como, sendo a proposta deste trabalho, apontam a omissão dos conectivos.

Exemplo 1:



Observamos neste recorte do texto da redação 1, um caso de interlíngua pela omissão da preposição ‘de’ entre “sistema” e “saúde”. Em Libras, os conectivos não são necessários, pois o sentido se dá por meio da sequenciação das palavras; como estamos tratando da escrita do Português, isso se caracteriza como uma interferência de nível sintático, como pontuam Poza e Melo (2018).

É necessário o uso do conectivo que une “sistema” à “saúde”, pois “saúde” se caracteriza como qualificador de “sistema”, na escrita do português temos o uso dos conectivos para fazer essa ligação. Perini (2016) explica que no caso da preposição “de” esta funciona como modificador dentro do sintagma maior, junto com seu SN forma um sintagma adjetivo.

Na Libras, a sequenciação das palavras dá o sentido ao que está sendo posto, como bem explicam Alves e Correia (2015) ao dizerem que a concepção geral sobre a sintaxe se trata de olhar a estrutura frasal da língua observando os entrelaçamentos que as palavras são postas para produzir sentido. Ainda podemos colocar como isso acontece na Libras, : nos atentemos apenas à omissão de conectivo, observando essa construção na oração a seguir:

Estrutura de Libras 1: SHOPPING LUGAR COMER FECHADO.

(Tradução: A praça de alimentação está fechada.)

Segundo Brito (1995), na estrutura da transcrição da Libras, o verbo vem sempre na forma infinitiva. Também, alguns determinantes que normalmente aparecem em Português, como artigos, não se fazem presentes nesta língua de sinais, não sendo, pois, representados na transcrição.

A estrutura gramatical da Libras se apresenta de maneira diferente da do Português quanto aos elementos constitutivos da oração e isso é observado quando mostramos a construção da frase em Libras e em Português. Na Libras, os conectivos não são necessários para ligar uma palavra à outra, o que temos é sequenciação dada pela estrutura básica SVO das palavras para a construção do sentido da oração.

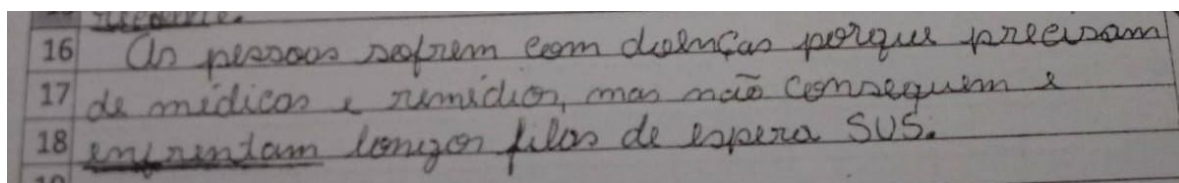
O sentido, na Libras, vai se dá pela construção visual dos sinais e também pela ordem, que pode ser em SVO, SV, SOV e OVS, segundo Quadros e Karnopp (2004) e reafirmado por Donato (2011). Na Língua Portuguesa, Brito (2013) diz que o Português é uma língua de base sujeito-predicado. A ordem predominante é: sujeito (S)-verbo(V)- objeto (O), normalmente chamada de SVO.

As regras da Libras obedecem à estrutura de uma língua sinalizada em contrapartida ao Português que é oral, ainda que ambas se apresentem com a estrutura básica em SVO, em outras questões se dão de maneira diferente, como é o caso dos usos dos conectivos, uma vez que na Libras estes não se fazem necessários pela condição de funcionamento desta língua. Logo, a interlíngua aqui é explicada pela ausência desse determinante que não influi na Libras para a construção de sentido, mas é necessário na escrita na gramática normativa da língua portuguesa.

Nas redações, pudemos observar a maior ocorrência de omissão da preposição ‘de’, que liga uma palavra à outra, justamente porque na língua de saída não se faz uso. Como estamos falando de interlíngua, aqui ela é posta como um resultado de um processo de transferência interlinguística, de acordo com Gisbert (1998 apud AGUDELO, 2018).

Observemos mais uma ocorrência de interlíngua, nesse caso houve a omissão da preposição “no” no final da oração abaixo:

Exemplo 2:



Vemos uma construção que segue a gramática normativa do Português de acordo com a regra quanto ao uso de conectivos, porém, no final desta oração a omissão da preposição ‘no’ marca o registro da interlíngua. Neste caso, temos orações complexas que se desdobram em duas ou mais orações, segundo explica Abreu (2003). Perini (2016) diz que preposição é uma das palavras cuja função é criar, a partir de uma construção pertencente a uma classe, outra construção pertencente a uma classe diferente, nesse exemplo houve a omissão de uma delas.

Temos, portanto, um caso de interlíngua de nível III, posto por Brochado (2003), quando o aluno é mais apropriado da escrita pelo aparecimento maior de estruturas

complexas, bem como emprego maior de palavras funcionais (artigos, preposição, conjunção).

Vemos também que o aluno, nesse estágio III da interlíngua, faz uso de preposições com mais acertos e isso é observado nesse exemplo, mas, ao mesmo tempo, a ausência de uma das preposições marca que este ainda sofre com as interferências da língua de saída para a língua-alvo. Podemos observar no próximo exemplo a ocorrência desse fator da interlíngua na escrita dos surdos:

Estrutura de Libras 2: VAMOS ENCONTRAR AMIGOS TEATRO.

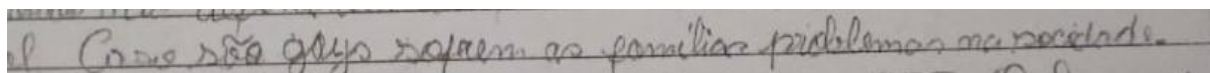
(Tradução: Vamos encontrar os amigos no teatro.)

Essa omissão é dada pela sequenciação das palavras terem sentido na sinalização em Libras. Quando o surdo está em fase de aquisição de uma segunda língua, os traços da sua L1 aparecerão à medida que esse vai aprendendo as nuances da língua-alvo.

Silva (2019) diz que é comum que as produções linguísticas escritas em Português por surdos usuários da Libras apresentem marcas da LS e elementos da escrita do Português mesclados, como mostrado no excerto do texto do aluno surdo.

Além disso, Quadros (2006) afirma que, dessa forma, o Português enquanto segunda língua, a língua-alvo, apresenta características de aquisição observadas em processos de aquisição de outras línguas, ou seja, observa-se variação individual tanto no nível do êxito como no processo, nas estratégias usadas pelos próprios alunos, bem como nos objetivos.

Exemplo 3:



Neste caso de interlíngua, temos a omissão dos conectivos ‘dos’ e ‘com’ em inadequação à gramática do Português. Observemos que a estrutura segue a ordem básica das duas línguas, SVO. A problemática apresentada é em relação à ordem das palavras no Português para o sentido da ideia da oração. Conforme Perini (2016), nesse caso temos a preposição “com” categorizada como uma preposição funcional, enquanto que “dos” junto com seu SN forma um sintagma adjetivo.

O que percebemos nessa construção acima são os níveis de estágio I e II apresentados por Brochado (2003) quanto à estrutura da frase muito semelhante à Língua de Sinais Brasileira (L1), apresentando poucas características do Português (L2), isso em relação ao sentido dado por uma língua sinalizada e uma oral, no caso na modalidade escrita para os surdos.

O que acontece nessa oração são os desvios sintáticos em relação à língua portuguesa, porém, quanto ao entendimento dela na Libras, faz sentido. Uma das explicações dadas para esse tipo de ocorrência na interlíngua é explicada em relação à estruturação de frases/orações, como afirma Schütz (2013).

Percebemos ainda que, nessa construção, os traços de interlíngua são dados pela representação mental que se possui da língua em questão quanto a uma determinada propriedade linguística que não coincide com a da gramática alvo (RUAS, 2018).

Ainda que nesse caso, temos a estrutura em SVO para o entendimento do sentido faz-se necessária estruturar em consonância com a língua-alvo, o Português. É perceptível que os desvios sintáticos prejudicam o sentido, porém, pela Libras se tratar de uma língua sinalizada, se daria a compreensão.

Contudo, estamos tratando da escrita em conformidade com as normas da língua portuguesa, logo essa oração precisa de adequações. No caso dos conectivos, “dos” e “com” fazem a ligação de uma palavra à outra, como bem sendo sua função básica na oração.

Como o Português é de base oral-auditiva, Terra (2018) salienta que as regras gramaticais internalizadas pelos falantes permitem-lhes produzir infinitas frases, bem como compreender frases que nunca ouviram antes. As formas linguísticas existem para produzir sentidos, por isso as frases produzidas por essas regras, que pertencem ao domínio da sintaxe, devem manifestar um sentido.

Portanto, como os surdos não possuem o canal auditivo, a gramática do Português sofre alteração quanto aos sentidos necessários para sua compreensão, por isso mostramos abaixo como poderia ficar mais claro.

Como já pontuamos, na Libras não utilizamos os conectivos para fazer tal ligação, o sentido é dado pela sequenciação das palavras:

Estrutura de Libras 3: FAMÍLIAS GAYS SOFRER PROBLEMAS SOCIEDADE.

(Tradução: As famílias dos gays sofrem com problemas na sociedade.)

Da mesma forma, temos no exemplo abaixo uma ocorrência da interlíngua:

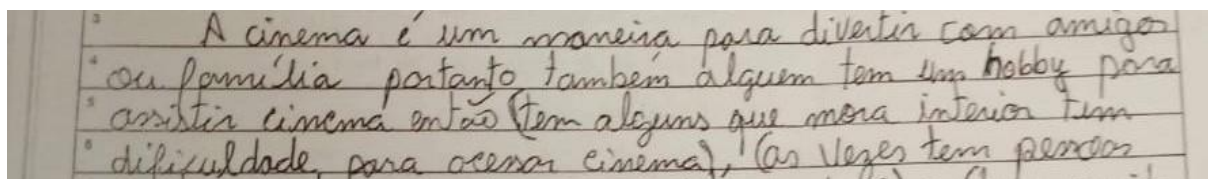
Estrutura de Libras 4: AMIGOS CRIANÇAS QUER BRINCAR PRAÇA.

(Tradução: Os amigos das crianças querem brincar na praça.)

Podemos também explicar esses exemplos como tendo erros interlinguísticos, no caso pela omissão dos conectivos, resultado de um processo de transferência de acordo com Gisbert (1998, apud AGUDELO, 2018), vistos em interferências simples, gráficas ou mesmo compostas observadas nos níveis básicos, caracterizando assim a transferência de uma língua para outra.

Além do aparecimento de construções de frases na ordem SVO, estrutura da frase ora com características da Língua de Sinais Brasileira, ora com características da frase do Português, como explica Brochado (2003).

Exemplo 4:



O caso acima apresenta interlíngua com duas omissões, sendo os conectivos ‘no’ e ‘e’. Nessa oração, o aluno a constroi fazendo uso de outros elementos da estrutura do Português. Podemos classificá-los, segundo Brochado (2003), no estágio III, quando o surdo tem conhecimento pelo aparecimento de um número maior de frases na ordem SVO e de estruturas complexas, bem como a estrutura da frase na ordem direta do Português, como nesse exemplo. Segundo Perini (2016), os coordenadores (conjunções coordenativas) desempenham papel de ligar dois constituintes da mesma classe, podendo juntar dois SNs com o coordenador ‘e’.

Porém, ainda que isso ocorra, percebemos que a interlíngua se faz presente pela interferência da sua L1. Brochado explica que, mesmo essas características observadas na produção textual dos surdos, sugerem que se encontram em diferentes estágios de apropriação da escrita da Língua Portuguesa (interlínguas).

Na Libras, como já pontuamos, o sentido é dado pela sequenciação das palavras. No exemplo acima temos a estrutura do Português de forma bem elaborada e até mesmo os conectivos são postos na oração, ainda assim há interferência da L1 posta na L2.

Observemos o exemplo abaixo:

Estrutura de Libras 5: EU PASSEAR SHOPPING TAMBÉM PRAIA.

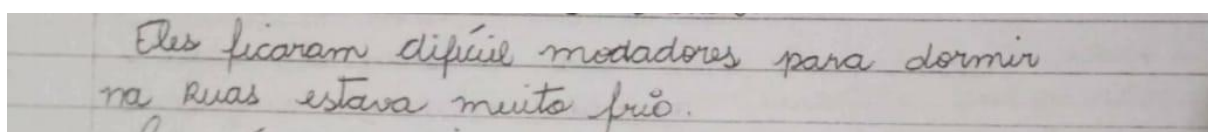
(Tradução: Eu vou passear no shopping e na praia.)

Nesse exemplo de oração em Libras, observamos que há a omissão da preposição ‘no’ e da conjunção aditiva ‘e’. Esses conectivos se fazem necessários em orações de acordo com a gramática da Língua Portuguesa.

No caso dessas omissões, a interlíngua é marcada como um sistema aproximado que ocorre em uma etapa intermediária suscetível de modificações e reestruturações do *input* do aprendiz, conforme afirma Selinker (1972, apud ROCHA; ROBLES, 2017).

O aluno desenvolveu uma oração mais complexa, se utilizou de elementos da estrutura padrão do Português, mas, ainda assim, a interlíngua se faz presente, o que é cabível ao se tratar desse processo de aquisição e apropriação de uma segunda língua. São características de uma língua que aparece numa outra, como explica Quadros (2006).

Exemplo 5:



No exemplo de oração acima retirado de uma das redações escritas por surdos, temos a omissão da explicativa ‘pois’, quando seria necessário esse conectivo para indicar, na oração, o motivo da dificuldade “de dormir nas ruas”. Nesse caso, pontuamos o que Bechara diz que esses elementos são “unidades adverbiais que não são conjunções coordenativas, pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, a tradição gramatical tem incluído entre as certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais” (2009, p.322).

O surdo tem certo conhecimento da língua-alvo, faz usos de conectivos, porém acaba omitindo um ou outro por estar dentro de um dos estágios de interlíngua, num processo de aquisição, apropriação da L2. Nesses casos da omissão da conjunção, de acordo com

Brochado (2003), o surdo se enquadra no estágio III, quando ele faz uso de preposições com mais acertos, bem como há o predomínio de estruturas frasais SVO, além de empregar a flexão verbal com maior adequação. A interlíngua, nesse caso, acontece à medida que a interferência da L1 é inerente no processo de aprendizagem de outra língua, conforme afirma Quadros (2006).

Observemos no exemplo abaixo uma construção de oração em Libras:

Estrutura de Libras 6: ELES FAZER REGIME PRECISAR EMAGRECER.

(Eles fazem regime, pois precisam emagrecer.)

Observamos que essa oração em Libras não apresenta nenhuma conjunção, pois não se faz necessário usá-las nessa língua, uma vez que não faz parte de sua estrutura oracional. Sendo assim, o sentido é dado pela sequenciação das palavras na sinalização. Além de que, esta oração apresenta a estrutura SVO, porém sofre interlíngua pela omissão desse conectivo para se adequar à estrutura da gramática da Língua Portuguesa, sua L2.

Em relação aos estágios propostos por Brochado (2003) eles são flexíveis, pois nem sempre o informante se encaixa em todas as características apontadas nos diversos estágios interlinguísticos, considerando as diferenças individuais no processo evolutivo de cada aprendiz. Às vezes, em um ou outro item gramatical proposto, já está avançando em direção à apropriação da L2.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos propomos aqui a mostrar e a explicar a ocorrência de casos de interlíngua em textos escritos por surdos que têm como apoio a sua L1 durante a aquisição e apropriação da sua L2. Observamos que, como é cabível, nesse processo, as ocorrências aparecerem ou não nas redações, o que explica o fato de que cada surdo apresenta um grau de conhecimento na língua-alvo em relação ao uso dos conectivos, os quais são elementos da gramática normativa da língua portuguesa, aqui posto na modalidade escrita.

Verificamos que é uma característica no texto do surdo a ocorrência de casos de interlíngua em forma de omissão de conectivos, porque sua língua natural quase não os usa. Por essa razão, o estudo aqui proposto visou identificar um a um dos casos e explicar sua ocorrência.

Nesta pesquisa, atingimos os objetivos propostos com base em todos os aportes teóricos e nas ocorrências da interlíngua no texto dos alunos, de modo que pudemos afirmar a existência desse sistema linguístico enquanto os surdos como sujeitos bilíngues, usuários do português na modalidade escrita.

Assim sendo, indicamos que, em pesquisas futuras, o corpus seja construído por textos iniciais dos alunos, de modo que a análise ocorra em orações com mais casos de interlíngua, uma vez que não haja a interferência variável por processos de reescrita.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática mínima: para o domínio da língua padrão**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AGUDELO, Sandra Paola. Erros e causas: usos de ser estar y ser estar em alunos de fala francesa de ele. **Form and Function**, vol. 31, nº 2, 2018, julho-dezembro, pp. 93-128 Universidade Nacional da Colômbia. Disponível: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=21958430005>. Acesso em 08 de out. de 2020.

ALVES, Edneia de Oliveira. **O acesso do surdo usuário de libras à educação escolar**. 179 f. Tese de Doutorado- Programa de pós-graduação em psicologia social- Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

ALVES, Edneia de Oliveira. **Programa Bolsa Família: uma avaliação do impacto no rendimento escolar das crianças de famílias beneficiadas pelo Programa**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em psicologia social- Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AVELAR, Fleury; FREITAS, Karlla Patrícia de Souza. A importância do Português como segunda língua na formação do aluno surdo. **Revista Sinalizar**, v.1, n.1, p. 12-24, jan./jun 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/36688/20219>. Acesso em 03 de set de 2020.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida; SANTOS, Eli Ribeiro. Ensino de Português para surdos- uma análise da prática. In: SILVA, Ivani Rodrigues; SILVA, Marília P. Marinho. (Organizadoras) **Letramento na diversidade: surdos aprendendo a ler/escrever**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2018, cap. 2, p. 107-152.

BIGOGNO, Paula Guedes. **Cultura, comunidade e identidade surda: o que querem os surdos?** Minas Gerais. UFJF, 2017 - ufjf.br Disponível em: <https://www.ufjf.br/graduacaocienciassociais/files/2010/11/Cultura-Comunidade-e-Identidade-Surda-Paula-Guedes-Bigogno.pdf>. Acesso em 25 de agos. de 2020.

BRASIL, Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei de nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei de nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 de dez. de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 28 de jul. de 2020.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial Federativa (da) República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 05 de jul. de 2020.

BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 05 de jul. de 2020.

BRITO, Lucinda Ferreira. **A gramática da Libras**. 2013 Disponível em: <http://files.cursodehistoria.webnode.com/2000003005b6b05c654/A%20%20Gram%C3%A1tica%20de%20Libras%20%20LUCINDA%20FERREIRA%20BRITO.pdf>. Acesso em 04 de set de 2020.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da Língua de Sinais Brasileira**. 431 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2003.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo , v. 15, n. spe, p. 385-417,1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4023.pdf> Acesso em: 24 de agos de 2020.

CORREIA, Isadora de Carvalho; ALVES, Edneia de Oliveira. A diferença estrutural entre a frase do Português e da Libras. In: ALVES, Edneia Oliveira. (Organizadora) **A extensão universitária: fonte de conhecimento para área de Libras**. João Pessoa: Ideia, 2015.

DI DONATO, Adriana. Aspectos linguísticos das línguas de sinais. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. (Organizadoras). **Libras**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

KRONBAUER, Elis Matte. **Um passado (não tão) distante? Considerações sobre o oralismo na educação de surdos**. 2018. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso- (graduação)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Letras Português e Espanhol, Cerro Largo, RS, 2018.

LEBEDEFF, Tatiana Bolívar. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**, v. 36, pp. 175 -195, maio/agosto, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1606/1489>. Acesso em: 28 de jul. 2020.

LIMA, Marisa Dias. Adequação do ensino do português como L2 nas crianças surdas: um desafio a superar/enfrentar. **Revista Intercâmbio**. 2014. Disponível em: <https://2014.revistaintercambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/416/744.pdf>. Acesso em 22 de jul. de 2020.

LODI, Ana Cláudia Balieiro. Ensino da língua portuguesa como segunda língua para surdos: impacto na Educação Básica. In: GOES, Alexandre Morand et al. **Língua Brasileira de Sinais: uma introdução**. Coleção UAB–UFSCar. São Carlos, Ufscar, p.83-102, 2011. Disponível em: https://ceiq4.webnode.com/_files/200001670-19cee1ac87/2.pdf. Acesso em 28 de jul. de 2020.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa e saúde**. São Paulo: Hucitec., 2013.

NUNES, Anna Alice de Sousa. **A ordem das frases e o fenômeno da topicalização em Libras**. 2015. 19 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

PAIXÃO, Ezequiel Adney Lima da; ALVES, Edneia de Oliveira; - Libras em suas modalidades: artefato linguístico da comunidade surda. In: PEIXOTO, Janaína Aguiar; VIEIRA, Maysa Ramos. (Organizadoras) **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões**. João Pessoa: Sal da Terra, 2018.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em Revista**. Edição Especial. n.2/2014, p. 143-157. Curitiba, Brasil. Editora UFPR, 2014.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI, Ana Claudia B. et al. (Orgs.) **Letramentos e minorias**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2017. cap. 4, p. 45-52.

PEREIRA, Rogéria Costa. A estrutura silábica do alemão como língua estrangeira na interlíngua de aprendizes brasileiros. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 22, n. 36, jan.-abr. 2019, p. 97-127. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328863272_A_estrutura_silabica_do_alemao_como_lingua_estrangeira_na_interlingua_de_aprendizes_brasileiros. Acesso em 08 de out. de 2020.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

POZA, José Alberto Miranda; MELO, Girleide Santos. A interferência linguística no processo de ensino-aprendizagem da língua espanhola em professores e aprendizes brasileiros. **Afluentes**, UFMA/Campus III, v.3, n. 9, p. 45-61, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/10457/6055>. Acesso em 08 de out. de 2020.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília : MEC, SEESP, 2006.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes Pereira; MUNIZ, Valéria Campos. Estudos na área de Letras. **Pensares em Revista**, São Gonçalo -RJ, n. 12, p. 1-6, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/35099/24968>. Acesso em 03 de set. de 2020.

ROCHA, Nildicéia Aparecida; ROBLES, Ana María del Pilar Altamirano. Interferências linguísticas na interlíngua em alunos hispanofalantes de português como língua estrangeira. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 641-680, 2017. Disponível: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10426>. Acesso em 08 de out. de 2020.

RUAS, Samara. Aquisição de Segunda Língua e aprendizagem de línguas estrangeiras Representação e interlíngua. **AntipodeS**, nº 1 - juillet / décembre 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38451361/Aquisic_a_o_de_Segunda_Li_ngua_e_aprendizagem_d_e_li_nguas_estrangeiras_Representac_a_o_e_Interli_ngua. Acesso em 04 de set. de 2020.

SCHÜTZ, Ricardo. Interferência, interlíngua e fossilização. 2003. **English Made in Brazil**. Disponível em: www.sk.com.br/sk-interfoss.html. Acesso em 04 de set. de 2020.

SILVA, Camila Michelyne Muniz da. **A interlíngua Português-Libras na produção textual escrita de pessoas surdas adultas usuárias de Libras aprendizes do Português escrito como segunda língua**. 2019. Dissertação (Dissertação em Letras).- Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SILVA, Carine Mendes da; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 20, Número 1, Janeiro/Abril de 2016: 33-43. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v20n1/2175-3539-pee-20-01-00033.pdf>. Acesso em 29 de ago. de 2020.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** Ano I - Número I - Julho de 2009. Disponível em: www.rbhcs.com. Acesso em 10 de out. de 2020.

SILVA, Juliana Gemelli. **Bilinguismo na Escola – uma gestão inclusiva para surdos e ouvintes**. 2018. Disponível: <https://rd.uffrs.edu.br/handle/prefix/2064>. Acesso em 25 ago. de 2020.

SILVA, Katia Gomes de Oliveira, MODESTO, Adélia Pereira dos Santos e FUKUI, Regina Kikue. A importância do ensino de libras para crianças surdas na educação infantil. **Revista Psicologia & Saberes**. v. 9, n. 17, 2019. Disponível: <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1189>. Acesso em 31 de ago de 2020.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. 1 reimp. Florianópolis: Ed. da USFC, 2018.

TERRA, Ernani. **Linguagem, Língua e Fala**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.

ANEXOS

ANEXO 01



FOLHA DE REDAÇÃO

Introdução

1	Tema: Saúde pública no Brasil
2	
3	O sistema saúde no Brasil tem problema
4	e as pessoas sofrem. As dificuldades da população
5	são: demora no atendimento médico, problema na
6	organização do hospital e a falta de tratamento
7	adequado.
8	Em hospitais, há falta de leito para os
9	pacientes, e ainda é situação complicada porque
10	grande demora no atendimento.
11	O hospital a mais de 4 semanas ficando todo esse
12	lixo contaminado, são os meses a administração do
13	hospital, tem feito boletim de ocorrência na polícia,
14	por isso esse lixo contaminado que a prefeitura não
15	recolhe.
16	As pessoas sofrem com doenças porque precisam
17	de médicos e remédios, mas não conseguem e
18	enfrentam longos filas de espera SUS.
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

CS Registrado com Cofecel

ANEXO 02



FOLHA DE REDAÇÃO

1	A desigualdade racial no problema é a pobreza no
2	Brasil. O nosso país não tem dinheiro que diariamente, caso fosse
3	grande problema no Brasil e do mundo a cada pessoa
4	como que países pobres e ricos. A sociedade em que
5	as pessoas são diferentes, que o problema persiste no Brasil
6	O problema persiste no Brasil os mais pobres
7	depende do sistema único de saúde (SUS). O onde vivem
8	pessoas que todos os dias são vítimas do ciclo social
9	desigual. No mesmo momento médicos não responsáveis
10	pelo mesmo setor na rede privada produzem e ditam
11	o alto índice da mortalidade.
12	O outro fator existente é a baixa qualidade de ensino.
13	A base para um país melhor é a educação pois as
14	pessoas seriam educadas e possibilitadas de procurar
15	os seus direitos. Porém com uma educação desigualizada
16	as desigualdades ficam maiores em assuntos sociais e políticos.
17	Em virtude dos fatos mencionados sociais desigualdade
18	social. O governo deve colaborar e tomar medidas
19	como por exemplo incentivo à educação. O melhores
20	condições para hospitais e distribuição de medicamentos
21	para quem realmente necessita.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

ANEXO 03

Competência 2: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

Competência 4: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

	n. 0	n. 1	n. 2	n. 3	n. 4	n. 5
I						
II						
III						
IV						
V						

O rio é sujo, como que fosse as cidades no Brasil. O cheiro de lixo podem provocar no rio, constitui numa das principais fonte contaminação e degradação de todos os rios d'água de rio das velhas. A natureza sempre cria produtos recicláveis com o único propósito de manter o ciclo da vida.

O lixo podem tudo aquilo que perdem a utilidade de novo ponto de vista, ou que não queremos mais do usar. O lixo podem esse é qualquer coisa velha, lixo no rio que sofrem mesmo com dificuldades, que alguma não ajudam na limpeza. A maior parte do lixo tratado de garrafas, sacolas plásticas e muitos galhos quebrados.

Os estados são principais problemas que afetam os rios, os que passam por grandes cidades, é o assoreamento. Assim, o rio podem até mesmo um lixo com 45%, e assoreamento das águas ocorre que esses todos de solo, lixo, entulho e esgoto. Com o tempo este lixo vai acumulando, provocando o assoreamento do rio.

A pessoa para ajudar a evitar a poluição dos rios é preciso para a vida. A prefeitura população orienta para não jogar lixo nas ruas ou rios, como limpa as ruas das águas para evitar entupimentos. O lixo é um dos maiores responsáveis pelos alagamentos nas cidades.

ANEXO 04



FOLHA DE REDAÇÃO

1	O direito dos homossexuais casar gay nas famílias
2	em Brasil. Os todos melhor as pessoas não diferentes,
3	que caso são famílias, sua mãe fala que não posso é
4	casar gay. O filho como sentimentos, que muito
5	triste, a cada família não gosto de gay.
6	As famílias não gostam de gay, como falta de respeito.
7	A mãe que fala, que um é filho gay quer casar
8	seu sonho no futuro, é a mãe tem direito, que
9	pena está achando não podeiro casar dois, muito repre
10	um é filho. para homofobia que significa <u>aversão</u> .
11	A homofobia significa <u>aversão</u> , <u>irreprimível</u> , <u>repug-</u>
12	<u>nância</u> , medo, ódio, preconceito que algumas pessoas, ou
13	grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais
14	e transsexuais. Em algumas caso, aqueles que guardam estes
15	sentimentos não definiram completamente a sua identidade
16	sexual. Caso são gays sofrem as famílias problemas na sociedade.
17	As famílias problemas na sociedade para STF. O homos-
18	sexuais que estejam cientes de sua orientação sexual, mas
19	que ainda assim desejem uma mudança, a sua vida
20	é própria com todo direito, homossexuais no Brasil
21	é o respeito. Na verdade é a casar gay vai para igreja, a
22	mãe liberdade.
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

ANEXO 05

Mendigo

É o mendigo tem problema, por isso só falta dinheiro, comidas e outros. Os mendigos ficaram sem problemas.

E não tem dinheiro também não tem casa, só dormindo na Rua e todos os dias.

Eles ficaram difícil medadores para dormir na Ruas estava muito frio.

Como é que mendigos dormir na rua, começa de chuveiro, é mesmo muito difícilmente ninguém ajudar eles deixar dormirem na Ruas.

Ficam sofrendo, querem a vontade de comer, passaram a fome.

ANEXO 06

enem2019

Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

Filme ~~com~~ com legenda "SURDOS"

É importante ser acessibilidade, surdos assistiu
 o filme ~~sem~~ ^{no cinema} legenda pode grande problema faltou de acessibilidade
 porque por isso surdos não ~~entendem~~ ^{querem} ~~filme~~ ^{filme}
 legenda, é a atores só falam, surdos não
 ouvem. surdos tem direito pra reclamar precisa
 a legenda. É filme sem legenda ~~muito~~ ^{tipo de} difícil que
 surdos ~~não entendendo~~ ^{querem} ~~filme~~ ^{filme} com
 legenda, é deu ruim ~~filme~~ ^{nao tem} legenda que
 surdos ia gostar de filme com legenda
 É verdade, eles não ~~entendem~~ ^{sofrem} que atores falam
~~se surdos~~ ^{sofrem} ~~sem~~ a legenda surdos ~~visual~~
 a legenda. surdos reclamam por isso falta
 de acessibilidade. ~~precisa a legenda e tecnologia~~
~~sem legenda o surdo~~ ^{passo} ficam sofrer mas
 só assisti filme, só faltou ^{de surdos} ~~de surdos~~ tem
 direitos ~~de atores~~ ^{de surdos} ~~querem filme~~ ^{filme}
 quando surdos ~~foram~~ ^{foram} pra shopping pra
 disse que filme ~~sem~~ legenda que ~~surdos~~ ^{eles}
 reclamaram. Tem lugar ^{o lugar} shopping é difícil.
 Querem a favor a legenda, surdos é capaz
 de ~~visual~~ ^{visual} a assistir a cinema ou televisão
 mas ~~tem~~ ^{tem} filme com legenda é Bom
 assistir q eles ~~gostaram~~ ^{gostaram} ^é acessibilidade
 está livre, vamos lutar a acessibilidade precisa
 a filme com legenda. E pessoas ouvinte só
 assistir filme é tipo só sem legenda mas surdos visual
 escolher a filme legenda só obrigados a cinema,
 netflix, televisão é importante ser acessibilidade.
 não vamos desistir, a lutar a acessibilidade! ~~amém~~

ANEXO 07

Formação de família

Família Tradicional só não tem lésbicas, gay, Bissexuais por isso é Tecnológica, agora chega de preconceito porque tem alguns pessoas não gostam de gay, lésbica, só cada pessoa fica com consciência.

Os pais de filho ser gay, eles não aceitam só querer homem educado.

Avós de criança são família parente e a netos deles ama cuidar e cuidado Bem de crianças.

ANEXO 08

Saúde pública no Brasil

O que é Saúde pública no Brasil
 os médicos não é sempre bom e
 muitos pacientes ainda sofrem por falta
 de médicos e remédios. ^{informal}

Outros problemas, essa é a coisa
 mais triste. A saúde pública do Brasil,
 falta resolver com os governos no Brasil.

As pessoas reclamam ^{que faltam} muitos médicos,
^{nos} muitos municípios, ^{nos} estados e ^{por} os
 problemas da saúde e também falta
 de Hospitais.

ANEXO 09

Assoreamento dos Rios

Assoreamento é o processo em que se observa no leito dos rios quantidade de detritos, lixo, entulho ou outros materiais. O problema é que esse acúmulo impede de que seus leitos portem líquido, causando transtornos de chuvas. A principal causa de assoreamento são lixos jogados no rio.

Pois a deterioração das margens auxilia ao desmatamento, o que significa o mau uso do solo e a exploração do meio-ambiente causando a erosão da remoção da vegetação. As duas principais causas da erosão são água e vento que são responsáveis da extensão dos problemas ambientais.

O assoreamento no Brasil é uma das causas de morte dos rios aquáticos por causa do despejo de esgotos nas margens dos rios. O desmatamento causa as enchidas, tempo e o agravamento dos problemas que pode depender a vida humana e animal.

Para evitar o assoreamento, as pessoas deveriam evitar tecnologias para lixo e evitar esgotos irem para as cidades e nos rios. Se cuidasse o meio ambiente e parar de desmatar árvores e cuidar para não causar problemas no planeta.

ANEXO 10

Empatia

O que é empatia: Qualquer emocional e relação com uma pessoa e precisar ajudar com uma pessoa. Pensar sobre algum caso falta de empatia¹ por isso eles pensam negativos², os problemas da vida³. É precisar empatia mesmo: ajudar com os amigos que relação os emocione. Por causa por não mostrar na cara de triste, e por dentro de triste e depressão. Por motivo é mais importante ajudar com os amigos.

② Pensam^{ent} negativos coisas ruins para saúde e na vida, pode ser a influência na vida. Somos as pessoas. Por isso prejudicar, faz mal, sem vontade de fazer as coisas por isso perder o tempo da vida.

③ Os problemas da vida alguns tipos de^{nas} difíceis: um vício, uma tristeza ou depressão e desistir fazer as coisas da vida e sofrer com problemas.

④ A falta de empatia é a principal por causa tristezas ou depressões. Isso acontece nas relações de amigos ou casal.

ANEXO 11

O governo não aguar, de saque publica
 ter outras pessoas doentes tem outra problema
 grande. na fila esta espresa longa para
 marcar consulta demora maior até meses
 ninguém se reclama que governo não perbece
 falta de investimentos, falta de medicos e 
 remédios.

Falta de investimentos muitos outros
 hospitais governo investir ter aconteceu problema
 as pessoas doentes sofrem que precisa o trabalho
 dos medicos se perder por exemplo outras
 mulheres gravidas sofrem também islores e
 sem clinico.

Falta de medicos é o maior problema do SUS
 que problema para os trabalhadores do SUS
 governos não se investe

Remédios falta existe muitos problemas
 do SUS. as pessoas doentes por exemplo
 não tem remédios. sem vacina e
 agora o Brasil esta quebrado.



M & © 2017 STRB



Moranguinho

INORO

ANEXO 12

Um navio saltou das no mar para São Paulo, Bahia, Natal, Fortaleza, Recife, Pará, Maranhão, Aracaju e Macaé, infelizmente, a falta de verificar o navio antes, também, a falta de as pessoas físicas dentro para olhar de e o governo não ajuda nada.

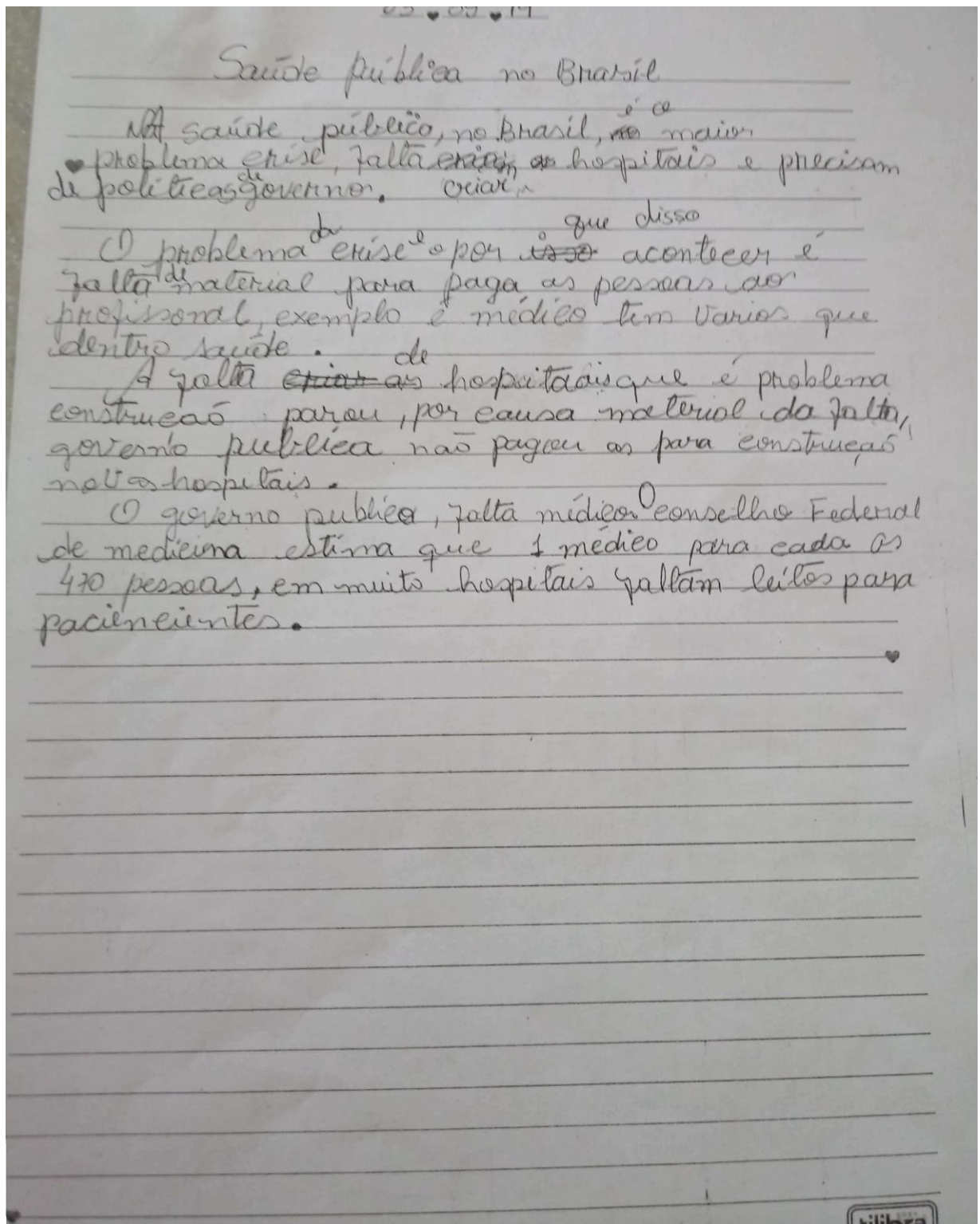
(Então) antes um pessoa não olho nada, se deixou passar na praia para outro estado, não tem responsavel por isso e não fez nada, se não importa nada.

As seguradoras não têm dentro do navio quando viu saltar eles parecem, acho que não tem perigo nada, não liga nada, quer o seguro.

Quando eles chegou areia depois um homem pegou, não conseguiu tirar, também areia. O governo viu (mas) não ajudou, nem pagou nada, não mandou funcionários, ele também não achou que tem ser importante.

Uma mulher precisa olhar antes, se tiver uma problema avisa logo, isso é muito importante e seguro. O navio sempre obrigam ter os homens seguros, pode resolver logo, ou ter protetor. O governo precisa ajudar logo, pede o pra para limpar areia, evitam pegar doença ou animais mortos.

ANEXO 13



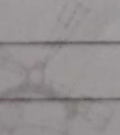
ANEXO 14

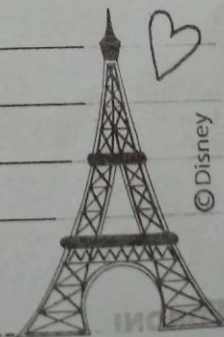
 Liberdade de expressão

O preconceito muitas vezes se manifesta por agressão verbal, (por exemplo), as pessoas dizem que o surdo não consegue como comunicação essa maneira de compartilhar também não resolve e estuda-se nada, Mas precisa de respeito, o uso de computadores ^{todos} para o bem.

A discriminação não quer ^{porém} conflito o surdo, outro surdo, por isso o grupo não sofre discriminação porque nunca houve discriminação nesse por isso sempre essa motivação que uniu as pessoas em respeito com amor.

O avanço da tecnologia como a comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. Ou ainda um que ajude pessoas com deficiência auditiva a tecnologia e a educação de crianças surdas.

 Marie

 © Disney

CS Digitalizado com CamScanner

ANEXO 15

Sig Ter Qua Qui Sex Sáb Dom

do 1 1

As Pessoas precisam de Positivo.

superior, não pode

A sociedade hoje, com negativa e positivo e então a sociedade hoje com depressão e aumentando cada ano pessoas precisam tratar como especial por causa muitas também suicídio por pessoas não cuida deles e não liga também isso é muito problemático e precisa de empatia, sociedade sempre tem ansiedade, pessoas dando muita negativa e sociedade vem com ruins ou bom?

A ansiedade tornou conhecido por pouco tempo quando pessoas vêm e acha que são frescura mas depois entender como é, ansiedade não é fácil para pessoa que tem ansiedade pode virar depressão um dia.

As pessoas sempre foi negativa para dar pessoas, tem raramente dar o apoio que pessoas precisa, porque se dar apoio elas pode sentir seguro com pessoas que dar apoio, base é dar empatia com pessoas.

A sociedade ruins que não incentiva as pessoas e também não ajuda e as vezes xinga e destrói pessoas, porém tem poucas sociedade boas para ajuda que precisa e incentiva bastante

ANEXO 16

3- Cinema que precisa adequação

1- Mora na interior tem dificuldade de acesso
2- Quem tem condição para acessar cinema
3- Quem não tem condição para acessar cinema

alta acessibilidade
Cidade interior
incentivo

enem2019

cinema na cidade

Transcreva a sua Redação para a Folha de Redação.

Que pessoas tem dificuldade para acessar na
Acesso de Cidades e interiores no Cinema

9

A cinema é um maneira para divertir com amigos ou família portanto também alguém tem um hobby para assistir cinema então (tem alguns que mora interior tem dificuldade para acessar cinema), (às vezes tem pessoas gosta assistir cinema mas não tem condição) e (tem muitos pessoas que não consegue assistir cinema Nacional) e desenhos.

Quem mora interior tem muita dificuldade para acessar por causa não interior não tem um sala de cinema tem alguns que viajar para outro cinema para assistir então precisa ter um cinema na interior para povo pode se divertir e passeio com pessoas.

Então tem pessoas que não tem condição para acessar por falta de dinheiro para entrar na cinema então precisa um projeto para "Cinema para todos" que pode assistir e divertir às vezes cinema é bom para passeio que é importante para ter um entretenimento.

Portanto tem pessoas pensa que sendo pode assistir livre então esse problema pois tem filmes na cinema tipo Nacional e desenho animado são maioria são dublado e não tem legendado por pessoas sendo assistir podem tem como resolver então para colocar legendado todos filme felizmente que Lei foi liberou que todos salas de cinema partir 2020 precisa legendado.

Então vamos pensar que cinema é um entretenimento se não tem como acessar então não tem como para se divertir por isso precisamos organizar para pessoas pode se divertir com cinema e precisa ser democratização do acesso para pessoas

190310155504

→ filmes precisam para passeio principal

ANEXO 17

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom 1 1
 Redação
 Dia que Israel veio Brasil para ajudar ^{na} Busca.
 Ocorreu em Brumadinho que rompeu ^{ou} Barragem que tem compõe mineiras com tóxico, fez pessoas desaparecer por mais 200, pessoas mortas por mais uns 100 e cidade ficou soterrada por lama, família perde por seus ente queridos e amigos, por falta segurança de Vale que não colocou alarme de barreiras para avisar que ^{ou} aconteceu, então deuemos ~~preservar~~ ^{de} segurança em qualquer das baragens de Brasil para não ^{ou} prejuízo das vidas, animais e suas casas e seus trabalhos para viver.
 Então bombeiros brasileiros tentando ~~busca~~ ^{ou} ~~la~~ ^{ou} dos corpos de vítimas e encontrou alguns corpos e outros não por causa estão mais soterrados na lama que é difícil encontrar esses corpos, então estão procurando com cachorro por seu ~~fragor~~ ^{ou} (Cheirar) para encontrar, mas faltou encontrar mais, Israel decidiu para vir Brasil para ajudar buscar muitos corpos com sua tecnologia de Israel para possível encontrar muitos corpos e conseguiu, Israel trouxe com sua tecnologia e seu exército por mais 130 e isso que faz agilizar mais buscar, por isso que Brasil agradecer bastante a País Israel que agilizou as buscas e ajudou nesse momento difícil dos brasileiros.